



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Taísa Machado

Calvo do Campari: o discurso Red Pill da machosfera na produção da masculinidade do “macho”

Florianópolis

2024

Taísa Machado

Calvo do Campari: o discurso Red Pill da machosfera na produção da masculinidade do “macho”

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras - Língua Portuguesa e Literatura do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras - Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Atilio Butturi Junior

Florianópolis

2024

Machado, Taísa

Calvo do Campari : o discurso Red Pill da machosfera na produção da masculinidade do "macho" / Taísa Machado ; orientador, Atilio Butturi Junior, 2024.

84 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua Portuguesa, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Portuguesa. 2. Análise do discurso. 3. Machosfera. 4. Red Pill. 5. Masculinidade. I. Butturi Junior, Atilio. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - Língua Portuguesa. III. Título.

Táisa Machado

Calvo do Campari: o discurso Red Pill da machosfera na produção da masculinidade do
“macho”

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de
bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras - Língua Portuguesa e
Literatura.

Florianópolis, 09 de Agosto de 2024.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof. Dr. Atilio Butturi Junior
Orientador

Profa. Dra. Nathalia Muller Camozzato
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Camila de Almeida Lara
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2024.

Às mulheres bravas, que insistem em existir e se ocupam em pensar.

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita do trabalho de conclusão de curso é um caminho solitário, não pela falta de pessoas, coisas e afetos que nos impulsionam nesse processo, como ficará bastante claro nestes agradecimentos, mas porque é inevitável a prisão de nossas próprias cabeças. Acredito que esse sentimento se intensificou na minha trajetória pela universidade pela ocorrência da pandemia. Pisei pela primeira vez na UFSC e tive exatos cinco dias de aula antes que nossas vidas mudassem por completo por um tempo até então indeterminado. Fui pisar novamente em terras de UFSC já cursando a quinta fase e, com certeza, esse tempo de enclausuramento tornou tudo ainda mais estranho. Dito isso, não posso dizer que, externamente à minha cabeça, o processo foi igualmente solitário. Por isso, seguem meus agradecimentos.

Primeiro, agradeço imensamente ao Atilio, meu orientador, que enxergou em mim um potencial que eu mesma não vi muitas vezes, mas que, muito por causa dele e de suas empolgações com as minhas ideias, começo a ver. Obrigada pelas orientações, de pesquisa e de vida, pelo incentivo, pelo apoio em momentos tão delicados que surgiram nesse processo, enfim... por tanto.

Agradeço a minha mãe, Tânia, e meu pai, Luiz, que, mesmo quando não podiam compreender meus anseios, me incentivaram a continuar, de todas as formas que puderam; que me proporcionaram uma infância de pés descalços, banhos de mangueira e almoços de vó nos domingos, um lar para onde voltar e a educação que me fez chegar até aqui. Gratidão também aos meus irmãos, Maísa e Maicon, que mesmo nas turbulências acreditaram que eu era capaz e, em especial, à Maísa, que num deslize do destino me gerou a ideia deste TCC. Ainda na família, sou grata ao meu tio, José Renato, que foi por muito tempo meu único referencial de contato com a universidade pública e com o mundo das Letras; que comemorou meu ingresso no curso, me apresentou o CCE e compartilhou suas experiências da universidade comigo; e que me proporcionou participar do lançamento do seu livro, me mostrando mais uma vez que este é um mundo de possibilidades e memórias.

Sou grata também às contribuições diretas e indiretas das minhas colegas de curso e amigas, em especial, Gabriela, com quem compartilhei ideias de pesquisa e TCC muito antes de concretizá-las, e Daiane, minha companhia em perseguir as aulas da professora Tânia e com quem juntei forças durante o ensino remoto e continuei juntando depois. Vocês foram essenciais.

À Emmanuele, colega de curso e minha parceira de estágio que se tornou uma amiga inseparável, que me incentivou a seguir nessa pesquisa, me ouviu e me retribuiu com palavras e acolhimentos, me deu energia e exemplo para seguir e me lembrou de sorrir um pouco mais todos os dias. Obrigada pelos abraços, pelas palavras, por ser tão você.

À Evelyn, que sempre é capaz de me enxergar em todas as minhas metamorfoses e que é tão humana quanto eu. E à Jéssica – que nunca deixamos de nos reencontrar em todas as vidas desta vida. Amo vocês.

À Lucia, minha chefe de estágio durante os últimos dois anos, que é alegria contagiante, puro amor e luz. Jamais pensei que dedicaria um agradecimento a uma chefe, mas não fazê-lo seria negar o quão mais leves esses anos conciliando trabalho e estudo se tornaram, principalmente pela sua disposição em tornar o ambiente de trabalho tão acolhedor. Obrigada pelas conversas, pelo amor compartilhado por gatos, pela experiência desses anos, pelos “bokitos” diários, por existir. Também agradeço aos meus colegas do CEAF e, em especial, aos meus colegas de trabalho na GEPER: Cassiano, que me aconselhou no caminho da pesquisa acadêmica, Sabrina, minha parceira de causas e amiga, Gustavo e Carol, que fizeram minhas tardes mais leves e foram ótimas companhias de trabalho e de fofocas.

Não posso deixar de agradecer à UFSC, que permitiu todo esse percurso acontecer; aos corredores do CCE, cujas paredes certamente têm ouvidos; ao bosque e às árvores em volta do laguinho, por me permitirem um espaço em que pude roçar os dedos na grama e me sentir mais perto de casa e de mim mesma quando distante.

Baudelaire dedicou poemas aos seus gatos¹, me permito então agradecer aos meus: aos meus felinos, Frida (*in memoriam*), Donnie, Baguera, Margot e Vic, que me lembram de amar viver todos os dias, que ronronam até os problemas sumirem e que são, cada um do seu jeito, criaturas incríveis e peculiares. Sejamos menos antropocentristas.

Insiro aqui, ainda, agradecimentos que se fizeram necessários na reta final de produção deste trabalho, depois que muitas mudanças aconteceram em mim e ao meu redor. À Maryana, grata surpresa e presente da vida; à Júlia, que me ajudou a me reconhecer; ao João, que estava aqui desde que éramos brotinhos e nunca deixou os desencontros serem eternos; à

¹ Carinhosamente referencio aqui um deles, em *As flores do mal*: “Os gatos/Os amantes febris e os sábios solitários/Amam de modo igual, na idade da razão,/Os doces e orgulhosos gatos da mansão,/Que como eles têm frio e cismam sedentários./Amigos da volúpia e devotos da ciência,/Buscam eles o horror da treva e dos mistérios;/Tomara-os Érebo por seus corcéis funéreos,/Se a submissão pudera opor-lhes à insolência./Sonhando eles assumem a nobre atitude/Da esfinge que no além se funde à infinitude,/Como ao sabor de um sonho que jamais/termina;/Os rins em mágicas fagulhas se distendem,/E partículas de ouro, como areia fina,/Suas graves pupilas vagamente acendem.” (Baudelaire, 1985)

Hanna – que o Blues sempre esteja lá para nós –, estarei aqui também; e à Alice, que me segurou antes mesmo de eu cair.

Ainda, é preciso dizer que escrever este trabalho e finalizar o curso trilhando caminhos da linguística é uma grande surpresa e um desafio para mim, que vinha me agarrando à certeza de pertencer à literatura desde antes da graduação. Hoje, entendo que essa dicotomia literatura/linguística, à qual somos apresentados desde o início do curso, é uma estrutura em desabamento. Nossa língua é heterogênea e também nos permite ser. Não abri mão da literatura, mas a AD me mostrou que posso pertencer a múltiplos espaços. Assim, assumo essa multiplicidade, aceito a quebra da dicotomia que nos restringe e agradeço, por fim, a mim mesma, por ter aceitado esse desafio.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar os discursos macho-centrados produzidos no ambiente que aqui denominamos *machosfera*. O objetivo da pesquisa é produzir um breve mapeamento das regularidades discursivas observadas em comunidades virtuais macho-centradas — principalmente a comunidade Red Pill —, pensando-as enquanto formadoras de práticas de masculinidade do “macho”, para, assim, demonstrar a ocorrência da materialização desses discursos em figuras como Thiago Schutz, o “Calvo do Campari”. O trabalho produzirá, então, uma análise, pelo viés da Análise do Discurso foucaultiana, por meio da observação de excertos discursivos – textuais e orais – coletados da R/TheRedPill, principal comunidade virtual Red Pill, no Reddit, e das participações de Thiago Schutz em *podcasts*.

Palavras-chave: análise do discurso; machosfera; red pill; masculinidade.

ABSTRACT

This academic work intends to analyze the macho-centered discourses produced in the environment that we name here as “manosphere”. The objective of this search is to produce a brief mapping of the observed discursive regularities in macho-centered communities – mainly, the Red Pill community –, thinking them as a former to practices of the “macho” masculinity, to, thereby, demonstrate the occurrence of the materialization of this discourses in figures like Thiago Schutz, the “Calvo do Campari” (Campari’s bald man). The work will produce, then, a analysis, through the lens of Foucauldian Discourse Analysis, by observing – textual and oral – discursive excerpt, collected from R/TheRedPill, the main Red Pill virtual community, on Reddit, and from Thiago Schutz participations in podcasts.

Key words: discourse analysis; manosphere; red pill; masculinity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Calvo do Campari no Buteco Podcast.	17
Figura 2 – Página inicial do fórum R/TheRedPill	20
Figura 3 - R/TheRedPill Sidebar	43
Figura 4 - Viralização do apelido “Calvo do Campari” (Instagram)	47
Figura 5 - Viralização do apelido “Calvo do Campari” (Notícias I)	47
Figura 6 - Viralização do apelido “Calvo do Campari” (Notícias II)	47
Figura 7 – Captura de tela do fórum R/TheRedPill (On the evolutionary origins of the Beta)	60
Figura 8 – Captura de tela do fórum R/TheRedPill (Women are Children)	61
Figura 9 - Buteco Podcast (Cenário)	63
Figura 10 – Captura de tela do fórum R/TheRedPill (Is this why people are generally attracted to those of their own race?)	65
Figura 11 – Captura de tela do fórum R/TheRedPill (The Red Pill Finance – redux)	68
Figura 12 – Captura de tela de site linkado ao fórum R/TheRedPill (This Article will Infuriate You – parte 2)	71
Figura 13 – Captura de tela do fórum R/TheRedPill (In case you need to be reminded on why you shouldn’t commit to a promiscuous woman)	73
Figura 14 - Thiago Schutz (semiótica 1)	74
Figura 15 – Thiago Schutz (Semiótica 2)	75
Figura 16 – Thiago Schutz (Semiótica 3)	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grupos de interesse da machosfera	38
Tabela 2 - Termos da comunidade Incel	39
Tabela 3 - Termos da comunidade Red Pill	40
Tabela 4 – Esquema de detalhamento de corpus	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O DISPOSITIVO DA MACHOSFERA: REGULARIDADES DISCURSIVAS E OUTROS CONCEITOS	21
2.1 VIGILÂNCIA E DISCIPLINA: OS DISCURSOS DIGITAIS E AS BOLHAS	32
2.2 AS PÍLULAS, OS LOBOS E OS INCELS	38
3 MACHOS TAMBÉM PENSAM: SABERES RED PILL	43
4 A RED PILL NA CONSTRUÇÃO DO “MACHO”	51
4.1 OS DISCURSOS DE NATUREZA, DE GÊNERO E DE RAÇA	59
4.2 A PRODUÇÃO DO HOMO OECONOMICUS: LIBERDADE E RELIGIÃO	67
4.3 OS DISCURSOS DA MORALIDADE DO CORPO E A TECNOBIOPOLÍTICA	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

As ideias que deram origem à escrita deste trabalho vieram de uma caixa de livros que recebi da minha irmã, para doação. Numa filtragem muito guiada por capas e títulos – sempre os primeiros julgados –, buscando encontrar preciosidades que pudessem ser interrompidas do processo de doação para compor minha estante, passei pelo livro de nome *Homem Cobra, Mulher Polvo*, de Içami Tiba. Num primeiro momento, folheei o livro e desgostei, sem muita surpresa, do conteúdo. Só depois li a descrição do autor na contracapa e me surpreendi ao descobrir, pesquisando, que o psiquiatra era uma figura bastante influente, com participações frequentes nas maiores emissoras de TV, autor de outros livros que, diferentemente desse, tinham uma linguagem mais profissional e abordavam o desenvolvimento familiar e a educação de filhos.

A influência do autor e psiquiatra em questão e a grande diferença de tom, narrativa e estilo desse livro para os outros seus me trouxe uma nova perspectiva de leitura e, conversando com uma amiga de trabalho e de curso, discutimos as semelhanças entre o texto e os discursos Red Pill emergentes. Desse momento surgiu a ideia deste trabalho de conclusão de curso. É claro que, desde essa conversa, houve muitas mudanças de direcionamento, o que acabou deixando Içami como coadjuvante de uma abordagem muito mais ampla. Mas, ainda assim, não fosse Içami, que escreveu, Maísa, que leu e me repassou, e Emmanuele, que intensificou meu olhar sobre o texto, o que faço hoje aqui, assim não seria.

No trabalho, abordarei as regularidades discursivas da *machosfera* enquanto formadoras de práticas de masculinidade do “macho”². O tema do trabalho se constituiu, então, na percepção de que há uma diversidade de comunidades macho-centradas³ reguladas por figuras que representam e/ou defendem práticas de masculinidade divergentes entre si, ainda que variantes de uma masculinidade hegemônica, dentre elas estão as comunidades Red Pill, Incel, MGTOW e outras. Essas comunidades, incluídas no que aqui denominamos *machosfera*⁴, (re)produzem diferentes formações discursivas que delimitam o perfil do “macho” que se enquadra em cada uma delas. Compreendendo que esses discursos são

² É importante ressaltar que, com o uso do termo “macho” para aludir à(s) masculinidade(s) produzidas na *machosfera*, não procuro traçar associação direta entre sexo biológico e identidade e/ou expressão de gênero. Utilizo esse termo para representação e manutenção do sentido associado a ele a partir dos discursos masculinistas da própria *machosfera*, que revelam uma busca pela retomada desse ideal de homem “puro”, viril, animalesco, enfim, “macho”. O termo será melhor justificado mais adiante.

³ O termo “comunidades macho-centradas” está sendo cunhado neste trabalho como forma de definir as comunidades que compõem a *machosfera* e que são centradas na formação e disseminação de discursos de masculinidade da figura “macho”. O termo será melhor abordado posteriormente no trabalho.

⁴ O conceito de *machosfera* será abordado mais adiante.

também provenientes da necessidade de regular o sexo e o gênero “por meio de discursos úteis e públicos” (Foucault, 2017, p. 27) e que o gênero é estruturalmente marcado pelo performativo, criando a ilusão de uma organização de gênero que é “[...] mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora” (Butler, 2018, p. 182), surgiram os questionamentos que guiaram a produção desta pesquisa.

Meu objetivo se traça a partir das seguintes perguntas: O que são as comunidades da *machosfera* e como se formam/em que se fundamentam seus discursos? Que masculinidades são produzidas pelas comunidades macho-centradas? De que forma esses discursos refletem na produção e nas práticas de masculinidade do “macho”? Qual a relação dos não-humanos na intra-ação⁵ dessa machosfera? Portanto, em resumo, objetivo com este trabalho delinear os discursos das comunidades macho-centradas da *machosfera*, com foco no discurso Red Pill, e sua relação com a produção de masculinidade, por meio da análise da expressão da masculinidade do “macho” nos sujeitos produzidos por esse dispositivo, tomando como exemplo Thiago Schutz, que ficou conhecido como o “Calvo do Campari”.

Figura 1 - Calvo do Campari no Buteco Podcast.



⁵ “Intra-ação, aqui, suplanta a noção de interação, uma vez que nenhum elemento de uma relação é prévio em relação ao outro e as fronteiras de um fenômeno se definirão de modo dinâmico e local.” (Butturi e Camozzato, 2023, p. 89)

Thiago Schutz, autor de livros de desenvolvimento pessoal na temática Red Pill e criador do canal do YouTube “Manual Red Pill Brasil”, se tornou conhecido na internet e ganhou o apelido “Calvo do Campari” no início do ano de 2023, após a viralização de um trecho de sua participação no podcast Buteco Podcast, em que ele relata ter recusado beber a cerveja oferecida por uma mulher, pois já estava bebendo Campari. O apelido “Calvo do Campari” se tornou relevante na mídia principalmente a partir de vídeos da atriz Livia La Gatto imitando o visual e as falas de Thiago de forma sarcástica. O influenciador, inclusive, enviou uma mensagem para a atriz que se tornou caso de processo por ameaça, a mensagem dizia: “Você tem 24h para retirar seu conteúdo sobre mim. Dps disso processo ou bala. Vc escolhe”⁶.

Com a intenção de melhor delinear a análise, para adequá-la à extensão propícia do trabalho de conclusão de curso, o corpus tem foco em apenas uma das comunidades virtuais macho-centradas mapeadas, a comunidade Red Pill, e seus respectivos impactos na produção da masculinidade de que origina o “macho”. A coleta de excertos discursivos se dará no fórum R/TheRedPill – por ser este o principal fórum da comunidade Red Pill na web e o que compila a maior quantia de dados referentes à (pseudo)teoria Red Pill –, e em um podcast com participação de Thiago Schutz (Calvo do Campari), qual seja, Buteco Podcast, cuja escolha se justifica por ter sido a participação que levou à viralização da figura de Thiago Schutz como “Calvo do Campari” – lembrando que há participações também em outros podcasts que não serão explorados aqui, quais sejam, RedCast, Sem Groselha e Pela Fechadura –, por ser ele a figura representante da (pseudo)teoria Red Pill com alcance mais expressivo hoje no Brasil.

A escolha do enfoque nessa comunidade se dá principalmente pela ascensão do discurso Red Pill na atualidade e pela escassez de trabalhos que abordem essa temática dentro da análise do discurso, e da linguística em geral, principalmente no Brasil. Além disso, o entendimento de que essa é uma comunidade que vem se esforçando para fundamentar, mesmo que de forma pseudocientífica, suas estratégias, como veremos adiante, atacando diretamente a produção científica dos estudos de gênero, faz com que certa urgência recaia sobre a abordagem do tema no meio acadêmico, em variadas áreas.

⁶ G1 SP, São Paulo, por Kleber Tomaz. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/11/09/justica-de-sp-suspende-por-dois-anos-processo-contra-thiago-schutz-por-ameaca-e-violencia-psicologica-contra-atriz-e-cantora.ghtml> Acesso em 13 ago. 2024.

Pensando nisso, traço como hipótese deste trabalho defender que há uma busca pela validação do discurso Red Pill enquanto “teoria”, por meio de estratégias discursivas de produção de verdade, além de demonstrar que esse discurso, e outros similares que circulam na *machosfera*, se materializam na produção de masculinidades envoltas em práticas de misoginia, discurso de ódio e perpetuação de um sistema patriarcal.

O trabalho será produzido de forma a analisar os excertos discursivos coletados, pela perspectiva da Análise do Discurso foucaultiana, em breve aproximação com a análise neomaterialista⁷, e será dividido em três principais momentos. No primeiro momento, farei a apresentação de conceitos que serão de crucial compreensão para o desenrolar do trabalho – tais como *machosfera*, comunidades macho-centradas, dispositivo e performatividade de gênero – e a demonstração das comunidades macho-centradas que foram observadas durante a pesquisa, assim como suas principais regularidades discursivas. No segundo momento, farei a contextualização da comunidade Red Pill e sua “teoria”, a partir da análise dos excertos retirados do site R/TheRedPill, e abordarei a ascensão desse discurso no Brasil, mediada principalmente pela figura de Thiago Schutz, o Calvo do Campari. No terceiro e último momento, apresentarei os excertos coletados da participação de Thiago Schutz no *podcast* Buteco Podcast e demonstrarei a ocorrência da produção de um certo discurso, e sujeito, “macho” fora da *machosfera* digital, e os efeitos dessa performatividade na superfície dos corpos e na materialidade do cotidiano, defendendo, conforme proposto, a intencionalidade de apresentação desse discurso como “teoria” pela comunidade Red Pill.

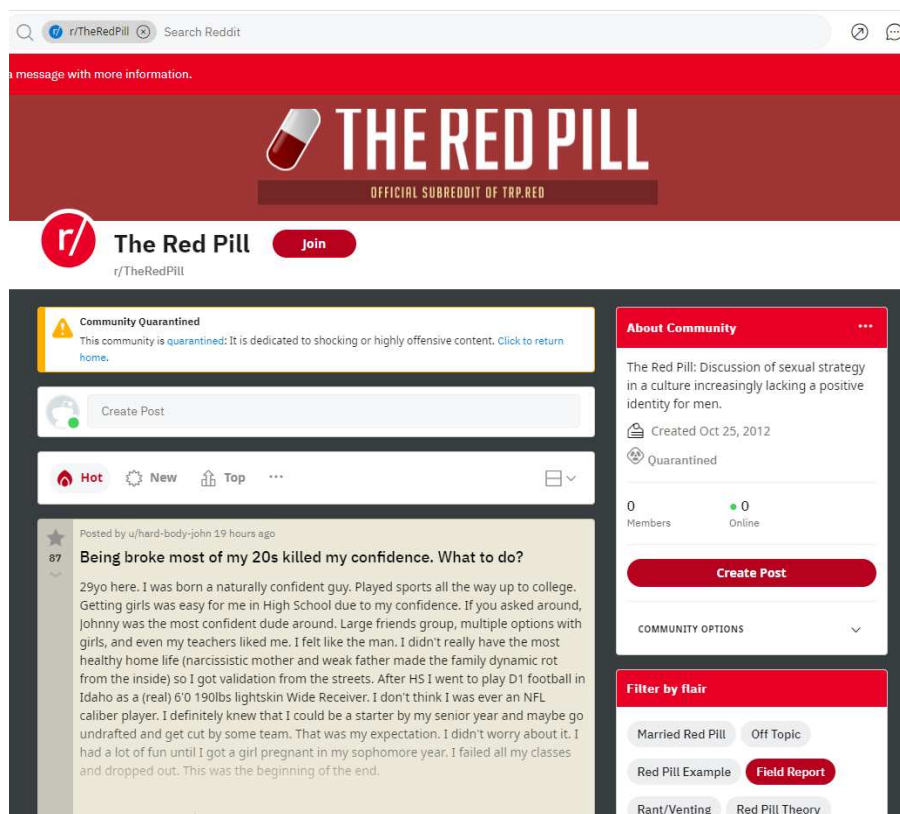
Criei um breve acervo pessoal com recortes retirados da página do Reddit R/TheRedPill, pois a página estava em estado de quarentena⁸ durante a escrita deste trabalho, o que poderia ocasionar a queda da página e, conseqüentemente, a perda da possibilidade de acesso a ela. Sendo assim os excertos discursivos para análise que partiram dessa página do Reddit foram colhidos de acervo pessoal e podem não estar mais disponíveis atualmente para acesso online. Por esse mesmo motivo, o link informado para essas referências será o link geral de acesso ao fórum R/TheRedPill e, inseridos no trabalho, estarão as capturas de tela dos recortes salvos da página que foram utilizados para a pesquisa. O objetivo da coleta de excertos no fórum R/TheRedPill é compilar enunciados que demonstram a construção do discurso Red Pill enquanto produção de verdade, visto que se defende aqui que há uma

⁷ Ao tratar dos discursos nativos digitais, abordarei brevemente a influência dos algoritmos nesses discursos e, conseqüentemente, a agência dos não-humanos, porém, limitando-me à extensão do trabalho de conclusão de curso, não haverá grande aprofundamento no tema.

⁸ “Estado de quarentena” é o termo utilizado, no e segundo o próprio Reddit, para definir comunidades que estão sob um certo tipo de alerta devido ao seu conteúdo, seja por este ser considerado ofensivo, seja por suspeita de divulgação de informações falsas ou outras questões conflituosas.

tentativa de categorização desse discurso como teoria, assim como observar as regularidades discursivas que se mostram presentes ali, em comparação aos excertos mencionados a seguir.

Figura 2 – Página inicial do fórum R/TheRedPill



Fonte: Reddit, 2024

Os outros excertos utilizados foram retirados da participação de Thiago Schutz no podcast Buteco Podcast, no episódio intitulado “Os perigos do relacionamento”, disponível no YouTube. Para esses dados, será informada a fonte, a data de publicação do vídeo e a minutagem em que as falas podem ser encontradas. Utilizando comparativamente esses recortes, pretendo demonstrar como esse discurso se relaciona com outros discursos, por meio da interdiscursividade e das regularidades e irregularidades discursivas, e como se dá, no contexto brasileiro, dentro e fora do digital, a circulação desse discurso, que perpassa a corporalidade, a materialidade, e produz, pouco a pouco, masculinidades e uma espécie de verdade.

2 O DISPOSITIVO DA MACHOSFERA: REGULARIDADES DISCURSIVAS E OUTROS CONCEITOS

Este primeiro capítulo tem como objetivo delimitar os conceitos que serão cruciais para o desenvolvimento e entendimento do trabalho – são eles, principalmente: discurso, dispositivo, *machosfera*, comunidades macho-centradas, performatividade de gênero e produção de masculinidade –, além de apresentar um pouco do processo de constituição do escopo do trabalho. Primeiramente, para explicar esses conceitos, serão citados autores como Foucault, Paul B. Preciado, Judith Butler, Debbie Ging e Raewyn Connel⁹. É possível que, ao longo do desenvolvimento do trabalho, ocorra o surgimento de outros conceitos cuja compreensão se torne relevante, esses conceitos serão explicados conforme for necessário, no decorrer do texto.

A priori, importa ter conhecimento do que é o discurso. O discurso é, segundo Foucault, em *A ordem do discurso*, “o conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva” (Foucault, 1986, p. 135), ou seja, uma unidade resultante da delimitação de um conjunto de acontecimentos que se tornam objetos de análise, sendo, assim, uma unidade complexa, linguística, histórica e social, atravessada por conceitos, práticas, costumes, impressões e por tudo aquilo que compõe a vivência humana em sociedade. Aqui, o discurso é pilar do acontecimento da *machosfera*, coisa a partir de que essas comunidades, absolutamente discursivas, se inserem nas relações sociais on e offline.

O discurso, então, não é uma mera representação do que está posto no mundo social, mas uma dispersão de enunciados que alteram e são alterados pelas materialidades conforme se projetam; não possui função descritiva do real, mas, pelo contrário, fabrica os objetos dos quais fala. As regularidades discursivas, por sua vez, segundo Foucault, podem ser observadas nos discursos a partir do conceito de descontinuidade, pois é a descontinuidade dos discursos que permite visualizar suas dispersões e suas regularidades. Então, os elementos de diversos discursos se reorganizam e se reconfiguram, entrelaçando formações discursivas heterogêneas e criando novos discursos.

Pensando que o que ocorre no discurso se dá nessas descontinuidades, percebe-se que essa prática do discurso, dentro do ambiente da *machosfera*, transcende os limites desse

⁹ Nota explicativa: Raewyn W. Connel é uma mulher transgênero e publicou diversos textos ainda sob a assinatura de seu nome morto, inclusive os textos que serão referenciados neste trabalho; em respeito à identidade da autora, optamos por citá-la com seu nome já retificado. Para fins de registro e busca, a referência original estará em nota nas referências, ao fim do trabalho.

ambiente, à medida que impacta na construção de sujeitos, nas formas de performatividade de gênero e de produção da masculinidade, e, ao se legitimar nas comunidades macho-centradas, demonstra a característica do discurso de estabelecer práticas sociais. Pretendo, portanto, demonstrar quais são essas regularidades discursivas e como está ocorrendo o processo de legitimação desses discursos numa tentativa de construção da verdade, partindo de dentro para fora da *machosfera*, com foco, principalmente, na comunidade Red Pill.

Inicialmente, para compreender a *machosfera* enquanto um dispositivo, é preciso entender o que é um dispositivo. Nos termos de Foucault, em entrevista à *International Psychoanalytical Association* (IPA), dispositivo é

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo, o dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. (Foucault, 2000, p. 244).

Assim, pode-se dizer que o dispositivo é toda a rede que organiza e regula as práticas sociais e que, apesar de não serem os únicos componentes dessa rede, a linguagem e o discurso são parte essencial do dispositivo. Como se verá adiante, a *machosfera* apresenta um funcionamento de dispositivo pois engloba discursos diversos, em suas regularidades e dispersões, agindo como um produtor e reproduzidor de relações de poder e determinando estratégias de assujeitamento dos indivíduos que nele se inserem.

Sabendo que, em uma perspectiva foucaultiana, o poder não é apenas um recurso centralizado, mas sim algo que funciona em rede, podendo agir também nas extremidades, e que é intermediado pelos indivíduos, que ao mesmo tempo são submetidos a ele e o exercem (Foucault, 2005, p. 35), a *machosfera*, enquanto dispositivo de poder, se dá também nessas relações de poder. Os membros das comunidades da *machosfera* contribuem constantemente para a complementação de suas “teorias” de masculinidade, como se vê, por exemplo, nos tópicos e subtópicos do fórum R/TheRedPill, assim, compilando discursos diversos e contribuições pseudoteóricas livremente adicionadas às comunidades, a *machosfera* também está longe de ser um ambiente homogêneo.

Assim, temos a *machosfera* demonstrando seu funcionamento de dispositivo pelas seguintes características: um conjunto – aqui exemplificado pelo fórum R/TheRedPill, mas que representa um ambiente muito mais abrangente, englobando outras comunidades macho-centradas como MGTOW, Incel entre outras que se estabelecem na superfície da internet e abaixo dela, em sites mais protegidos, da *deep web* e *dark web*, por exemplo –

heterogêneo – considerando que nessas comunidades há circulação de discursos que tipificam diferentes masculinidades, sendo algumas delas, mais conhecidas, denominadas alfa, beta, gamma e sigma – e que engloba discursos, proposições filosóficas, se apresentando como um modelo de vida, como “a pílula da realidade”¹⁰, enunciados científicos, como os vistos no subtópico */theory* do fórum R/TheRedPill, além de um espectro de subjetivação que é característico dos dispositivos (Agamben, 2009) e que, nesse caso, resulta na produção da masculinidade dos sujeitos “machos”, fenômeno que pode ser observado nas práticas e no discurso reproduzido por figuras como o Calvo do Campari, que será meu objeto de análise, Rafael Aires (Red Pill), Elliot Rodger (Incel) e Alek Minassian (Incel), entre outros.

Debbie Ging explica, no artigo *Alphas, betas and incels: theorizing the masculinities of the manosphere*, que o termo *machosfera* define uma ampla rede de troca de experiências, majoritariamente sentimentais, masculinas, e funciona

[...] mobilizando e retificando narrativas de sofrimento pessoal para construir um consenso afetivo sobre uma supostamente coletiva, generificada, experiência, nomeadamente a posição dos homens na hierarquia social, resultante do feminismo. (Ging, 2017, p. 16, tradução própria).

A *machosfera* pode ser entendida, então, como a produção de um discurso de rede masculina de compartilhamento de experiências, enviesada pela ideia de superioridade masculina e de desprezo do feminismo, em que se utilizam argumentos de cunho biologizante para reafirmar vivências e frustrações em comum. Cabe esclarecer que a masculinidade aqui pode ser observada a partir do conceito de Connel (2013), de uma masculinidade hegemônica, que tem por características principais a força, a virilidade e, principalmente, a subordinação do feminino e que é sistematicamente incentivada e recompensada na sociedade como forma de manutenção do privilégio e do poder patriarcal. Ainda, importa perceber que a masculinidade em si também é discurso e não coisa posta, pois se caracteriza por ser uma construção relacional e pela necessidade da oposição com um outro (a feminilidade) para existir (Badinter, 2013).

Connel não nega a possibilidade de masculinidades diversas e, na *machosfera*, ainda que os modelos de masculinidade encontrados ainda variem dentro do espectro da masculinidade hegemônica, é possível perceber concepções e expressões diferentes do

¹⁰ THIAGO SCHUTZ. THIAGOSCHUTZ, 2024. Página inicial. Disponível em: <https://thiagoschutz.com/> Acesso em 31 jul. 2024

masculino. Não fosse esse o caso, não haveria tantas terminologias reivindicadas pelas comunidades macho-centradas (alfa, beta, gamma, sigma, red pill, black pill etc)¹¹.

Ao mesmo tempo em que vemos discursos de desconstrução emergindo na sociedade, ganham força também os discursos contrários, que são os responsáveis por possibilitar a formação desses grupos macho-centrados, que se identificam com a busca de uma retomada da masculinidade hegemônica, mas, dessa vez, reconhecendo a possibilidade de múltiplas expressões do masculino. Ainda, sobre essa multiplicidade de discursos e masculinidades que circulam na *machosfera* e a união desses grupos pelo objetivo comum de retomar o poder discursivo da masculinidade hegemônica, Debbie Ging descreve que a *machosfera* é um ambiente ideologicamente homogêneo, em que

[...] formulações masculinas ostensivamente contraditórias [...] conseguem se unir em torno de um número de questões controversas ou eventos críticos quando o objetivo em comum é combater o feminismo e manter as mulheres fora do espaço. (Ging, 2017, p. 16, tradução própria).

Para o escopo deste trabalho, são essas controvérsias, divergências e convergências discursivas da *machosfera* que despertam o interesse de análise, a fim de demonstrar as regularidades discursivas e, posteriormente, demonstrar como o discurso em destaque atualmente, qual seja, o discurso Red Pill, tem tomado espaço fora do mundo virtual.

Mas por que então diferenciá-la das comunidades macho-centradas? Porquanto a *machosfera* se dá como um ambiente extremamente amplo – como já pontuado por Ging – e difuso – dado seu funcionamento de dispositivo de poder – em que sujeitos cuja expressão de gênero advém da ideia do macho se reúnem em grupos com estratégias discursivas distintas, posicionamentos e práticas distintas e, inclusive, ideais de masculinidade distintas, havendo, inclusive, grupos que se consideram opostos entre si.

Um exemplo disso são os discursos e as práticas que se tornaram conhecidos como Red Pill e Incel. Incel, sigla para “*involuntary celibates*” (celibatários involuntários), foi o termo criado dentro da *machosfera* para designar aqueles homens que não eram enxergados, e não enxergavam a si mesmos, como capazes de conquistar mulheres; esse termo vem de uma vertente *geek/gamer* das comunidades da *machosfera* (Ging, 2017), por vezes também se autodenominavam “*betafags*” e o discurso atrelado ao termo se tornou uma forma desses sujeitos se apropriarem de uma característica que os rebaixou socialmente, tendo em vista a masculinidade hegemônica, e formar grupos a partir dessa identificação, como um movimento

¹¹ Importa também ressaltar que essas subjetividades, supostamente “padrão”, também fracassam em unidade – como toda subjetividade, sempre falha.

de resistência, e motivando, inclusive, ataques violentos¹². Já o discurso Red Pill se originou de uma analogia ao filme *Matrix* (1999) e incita que há uma “pílula”, metaforicamente falando, a qual alguns homens tomam e outros não, que permite enxergar a “realidade”, que seria a dominação feminina; partindo desse pressuposto, o discurso Red Pill, em uma perspectiva binária e biologizante, implica na construção de um homem ideal, que reconheça o lugar da mulher na reprodução e no cuidado; os sujeitos que se apropriam desse discurso, diferentemente dos incel, desejam obter sucesso na conquista de mulheres, porém em seus próprios termos, não permitindo uma suposta subordinação do homem à mulher.

Essas duas auto intitulações das comunidades, caracterizadas por diferentes discursos e práticas, como explicitado, consolidam-se em duas diferentes formas de subjetividade, que formam, por sua vez, os sujeitos “machos”, implicando em diferentes práticas de si e diferentes materializações do discurso; como já ponderado, para este trabalho importará com maior relevância a subjetividade – a prática de si, o comportamento social, o discurso ... – do macho Red Pill e tudo aquilo que compõe a construção, primordialmente por meio do discurso, de uma masculinidade Red Pill.

Os discursos Red Pill e Incel são parte da *machosfera* e, portanto, conforme dispõe Ging, compartilham de uma certa ideologia, porém, a nós interessa o fato de que, mesmo assim, esses discursos se diferem desde a identificação com esses termos – Red Pill, Incel e outros – até a forma de enxergar o feminino em contraposição a si. A esses grupos todos, buscando portanto distingui-los no ambiente geral, ou dispositivo – *machosfera* –, em que se inserem, darei o nome comunidades macho-centradas.

A compreensão do conceito de performatividade de gênero também se faz necessária para entender a dinâmica dos discursos da *machosfera* e seu impacto no assujeitamento do “macho”, que se dá a partir dela. Em seu livro *Problemas de gênero* (1990), Judith Butler, propõe uma nova perspectiva de olhar para o gênero, pensando-o enquanto algo que não é inato, nem mesmo inerte, sendo, na verdade, projetado por uma constante de atos performativos. Portanto, observando o conceito de performatividade de gênero, vê-se que o gênero em si “não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes [...] seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero” (Butler, 2018, p. 44), fazendo com que as identidades de gênero sejam passíveis não só de serem construídas, mas de se manterem existentes por meio da

¹² BBC, Elliot Rodger: How misogynist killer became 'incel hero'. 25/abril/2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-43892189> Acesso em: 31/07/2024

performatividade, do discurso e de outras formas de expressão, segundo normas sociais e culturais.

O conceito de performatividade de gênero vem, portanto, para destituir a ideia ilusória da estabilidade do gênero, rompendo com a idealização de uma binariedade inata e determinante do agir, do expressar e também do reproduzir humano. Assim, traz-se à tona a ideia de que

O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. (Butler, 2018, p. 182)

Os discursos desempenham um grande papel na manutenção da normatividade de gênero, por meio da linguagem, de representação – midiática ou não – e de outras práticas socioculturais. Portanto, havendo circulação de diferentes discursos, podem se alterar as performatividades de gênero, assim como essas performatividades podem ser legitimadas ou deslegitimadas, conforme as normas sociais. O que se observa no dispositivo da *machosfera* é, então, uma disseminação de discursos que buscam legitimar determinados modelos do masculino, produzindo masculinidades por meio de estratégias de produção de verdade – linguísticas e pseudocientíficas. Mais adiante, partindo desses conceitos, veremos também que, para se adequar a essas masculinidades produzidas nos discursos da *machosfera*, o sujeito “macho” altera não somente seu discurso, mas suas práticas e, inclusive, seu corpo, demonstrando a marca da performatividade no corpo gênero sugerido por Butler.

Observando a performatividade de gênero e como esse conceito altera a forma como temos lidado dicotomicamente com o sexo e o gênero até a atualidade, alguns problemas se apresentam:

Esta realidade desperta algumas questões sobre a identidade, pois se os indivíduos estão sujeitos a estas normas, que tipo de pessoas estão a ser ‘feitas’? Que tipos de homem estão a ser validados? Que tipos de mulheres são aceites? E qual o lugar dos sujeitos que vivem entre a binariedade de gênero? Se se pensar nas duas formas comumente aceitáveis para pensar o sujeito e o gênero – meio ou genética – estas questões ficam, à partida, reduzidas a estruturas simbólicas e normativas falocêntricas, que frequentemente são causadoras de ‘crises’ identitárias. (Maia, 2019, p. 424)

Como percebemos das considerações de Sara Vidal Maia, enxergar o gênero como constituído pela performatividade, e não dado por si só, traz consigo questionamentos

importantes sobre a nossa estrutura social e cultural, dinâmicas de poder, discurso, identidade, entre outras questões, ressaltando-se aqui a questão de maior valia para este trabalho: “que tipos de homens estão a ser validados?”.

Considerando também as observações de Butler de que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (Butler, 2003, p. 44), podemos compreender que a performatividade de gênero funciona como um ciclo, que alimenta e retroalimenta constantemente o gênero como o conhecemos, enquanto construção e expressão de identidade a partir da repetição, das normas e de sua citacionalidade. Como o gênero é ao mesmo tempo normativo e instável, se fazem tão importantes as transformações discursivas que ocasionam transformações nas performatividades do corpo gênero e, no caso em questão, novas masculinidades.

Com o espaço propício à disseminação de novos discursos sobre a masculinidade que se dá na *machosfera*, assim como com a crescente dos discursos masculinistas, como o discurso Red Pill, a reafirmação do “ser homem” por meio de estratégias de performatividade passa a ter uma nova cara nas comunidades da *machosfera*, tornando-se uma reafirmação do “ser macho”. O termo macho vem sendo utilizado em algumas comunidades da *machosfera*, como a comunidade Red Pill ou a comunidade dos “machos alfa”, como uma tentativa de evocar uma identidade hiper-masculina, que se apresenta por meio de um modelo de masculinidade não apenas superior à feminilidade, como comumente já vemos, mas também superior a outros modelos de feminilidade. O termo ainda reivindica uma retomada do conceito biológico e binário de macho e fêmea, que acaba por ser um princípio essencial para os conceitos criados por essas comunidades, como o VSM – valor sexual de mercado –, e para desenvolver e justificar as masculinidades produzidas na *machosfera*, já que partem diversas vezes de argumentos biológicos para descrever como e porquê agem de determinadas maneiras os alfas, os betas, as mulheres (que também são definidas conforme seus critérios como “Stacys” ou “Beckys”) – como descreverei em 2.1.

Em termos de discurso, o termo macho também carrega uma profunda e intrínseca ligação com o biológico, com uma ideia de dominação em termos de espécie, com relações de poder e de construção de identidade, e a reivindicação do uso desse termo nas comunidades macho-centradas demonstra uma tentativa de reforçar um modelo específico de masculinidade, posto que há todo um conjunto de normas sociais, culturais e sobretudo discursivas, de comportamento e até mesmo de aparência, como se verá ao longo do trabalho, determinantes do que é “ser macho”.

Aqui se percebe, inclusive, um entrelaçamento discursivo com o livro *Homem Cobra, Mulher Polvo*, de Içami Tiba, que, como explicado, foi o estopim deste trabalho. Provando que a relação observada entre o discurso que atravessa o livro e o discurso Red Pill não foi uma ilusão. Podemos perceber que, no livro *Homem Cobra Mulher Polvo*, Içami propõe a compartilhar suas “observações sobre os comportamentos feminino e masculino” (Tiba, 2014) e desde a apresentação do livro já trata do conteúdo como sendo sobre “os sexos opostos”. Já na introdução, intitulada “Mentes e almas masculino-femininas”, Içami defende o uso dos termos “macho” e “fêmea”:

Utilizo esses conceitos para me referir ao funcionamento do ser humano segundo seu determinismo biológico, que é regido principalmente pelos hormônios vitais (muito sexuais). A fêmea se comporta de acordo com seus períodos de estrogênio ou de progesterona que se alteram ciclicamente, já o macho tem o comportamento invariavelmente regido pela testosterona.
(Tiba, 2014, p. 14)

Logo após essa explicação, o autor se esquivava da possível atribuição de um comportamento machista pelo uso desses termos, dizendo que trata-se do “humano animal que não usa a mente, muito menos a alma” (Tiba, 2014, p. 14) e que ao termo “macho” não atribui o significado de superioridade do homem à mulher, o que, ao longo do livro e com base do discurso em voga, vê-se que não prospera.

Assim, vemos que há de fato uma relação entre o discurso presente no livro de Içami e o discurso Red Pill, que se estabelece já nessa biologização dos comportamentos humanos, enquadrando-os em uma perspectiva binária, que atribui sexo biológico a gênero e define o cumprimento de papéis sociais advindos de uma certa origem “natural”, causada por hormônios. Como se verá mais adiante no trabalho, a atribuição de comportamentos sexuais específicos aos homens e mulheres explicados por hormônios também está muito presente no discurso Red Pill e na *machosfera* em geral.

Neste trabalho, essa mesma reivindicação do termo macho se faz relevante justamente para explicitar a não neutralidade desse termo, que consegue englobar um modelo bastante específico de masculinidade cuja valorização vem crescendo em grande proporção por conta de movimentos masculinistas como o movimento Red Pill, e, como esse modelo vem sendo crescentemente valorizado, interessa-nos estudá-lo e destrinchar as formações discursivas que o perpetuam.

Tratar dessas formas de produção de masculinidade resultantes dos discursos macho-centrados dessa forma, enquanto figura “machos” e não “homem” ou “masculino”, tem por objetivo remeter justamente ao alinhamento discursivo que se evoca dentro dessas

comunidades, em que se percebe uma constante tentativa de retomar práticas deterministas e binárias, indo além até mesmo da binariedade homem-mulher, avançando para o primitivo e animalesco macho-fêmea. Essa prática discursiva, como veremos posteriormente, é uma regularidade dentro dessas comunidades e é conceito fundante de suas ações em sociedade.

A formação dessas comunidades reflete um discurso de misoginia e, acima de tudo, é fruto da necessidade de regular o sexo e o gênero “por meio de discursos úteis e públicos” (Foucault, 2017, p. 27), visto que o gênero é estruturalmente marcado pelo performativo. A partir desses discursos, moldam-se diferentes masculinidades, aplicadas à figura do “macho”, engendradas por esse mesmo entendimento, de uma superioridade biológica do homem à mulher, em que se cria a ilusão de uma organização de gênero que é “[...] mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora” (Butler, 2018, p. 182).

Voltando ao conceito de dispositivo, Giorgio Agamben, também atravessado pelo pensamento foucaultiano, diz que “os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito” (Agamben, 2009, p. 37). Nessa passagem fica explicitado com bastante nitidez o que pretendo desenvolver aqui ao abordar a *machosfera* enquanto local de construção e disseminação constante de discursos de gênero, com foco na masculinidade do macho, posto que seu funcionamento como dispositivo se dá, justamente, na produção da masculinidade do sujeito “macho”, em suas variáveis modalidades de sujeito. Por esse motivo, entende-se aqui a *machosfera* como dispositivo, o macho como o sujeito produzido por ela e, nosso foco, o macho Red Pill como uma das modalidades de sujeito resultantes dos discursos das comunidades macho-centradas.

Para a delimitação de escopo deste trabalho, foram selecionados, para recorte de fragmentos discursivos viáveis à análise, três episódios de podcasts, quais sejam RedCast, Sem Groselha e Pela Fechadura, nos quais houve participação de um dos líderes do movimento Red Pill no Brasil, Thiago Schutz, também conhecido como Calvo do Campari. Essa escolha se dá pelo fato de que, hoje, após diversos trechos dessas participações, com suas falas, viralizarem na internet e após ter publicado seu livro “Pílulas de realidade”, com milhares de exemplares vendidos, sendo intitulado por ele mesmo como “a bíblia dos homens mais vendida do Brasil”¹³, Thiago se apresenta como um “mentor” da comunidade Red Pill no Brasil, sendo, portanto, uma figura representativa das masculinidades do “macho” e valiosa para o estudo que aqui se desenvolve.

¹³ THIAGO SCHUTZ. THIAGOSCHUTZ, 2024. Pílulas de realidade. Disponível em: <https://thiagoschutz.com/livros/pilulas-de-realidade/>. Acesso em 08/03/2024.

Para fins da análise do discurso, de forma a comparar o que se dá no exterior, nas origens do movimento Red Pill enquanto discurso, realizei também a seleção de trechos recortados a partir do fórum R/TheRedPill¹⁴, do Reddit. O fórum, maior fórum Red Pill online, contava, ainda em 2017, com cerca de 200 mil assinantes e um número inestimável de leitores e a sua criação foi atribuída a um político republicano de New Hampshire, Robert Fisher, pelo jornal digital The Daily Beast¹⁵, apesar de este não ter assumido a autoria da criação do *subreddit*. A estrutura do fórum conta com uma *sidebar* repleta de regras de aparência e comportamento, artigos e críticas a serem lidos para uma espécie de iniciação no mundo Red Pill, é justamente desta *sidebar*, mais especificamente dos seus subtópicos /science, /theory e /All-in-one Red Pill 101, que serão retirados os enunciados para análise.

Ao realizar a seleção do fórum para a pesquisa, deparei-me com o alerta de “quarentena” do fórum, que foi temporariamente suspenso devido ao seu conteúdo considerado “chocante ou altamente ofensivo”. Devido a isso, tornou-se necessária a criação de um breve banco de dados, coletados do fórum, principalmente dos tópicos mencionados anteriormente, para garantir que, durante o desenvolvimento do trabalho, a pesquisa não fosse impedida pela queda definitiva do fórum, que pode ocorrer a qualquer momento. Esse banco de dados estará anexado ao trabalho. Também por conta disso, é possível que este trabalho acabe por se tornar um último registro legítimo do conteúdo do fórum R/TheRedPill, antes da queda oficial da página, além de ser uma análise com a qual espero contribuir para trabalhos futuros que tenham interesse em explorar, linguisticamente ou em outros aspectos, as comunidades macho-centradas da *machosfera*.

Dentro do escopo delimitado, busco olhar em um primeiro momento para a *machosfera* como um todo, por meio de outras pesquisas relacionadas ao tema e dos dados fornecidos pelo próprio fórum R/TheRedPill, observando as relações entre enunciados, procurando por construções que se repetem sistematicamente e também por características que os diferenciam, para definir as principais comunidades que podem ser observadas no dispositivo da *machosfera*, diferenciando-as entre si. Posteriormente, definidas as principais comunidades macho-centradas a que temos acesso, objetivo analisar comparativamente os excertos linguístico-discursivos coletados da comunidade Red Pill do fórum com aqueles fornecidos pela participação de Thiago Schutz no episódio “Manual Red Pill: os perigos do

¹⁴ REDDIT. TheRedPill. 2024. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/TheRedPill/?rdt=36210>. Acesso em 08/03/2024.

¹⁵ THE DAILY BEAST. The Replublican Lawmaker who Secretly Created Reddits Women-Hating RedPill. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/the-republican-lawmaker-who-secretly-created-reddits-women-hating-red-pill?ref=scroll>. Acesso em 07/03/2024.

relacionamento” do podcast Buteco Podcast, para observar formações discursivas determinantes para a produção de um novo modelo de masculinidade – o macho –, demonstrando como ocorre, por meio do discurso, a construção dessa masculinidade, assim como a importância da figura do Calvo do Campari nesse processo.

Provém, em grande parte, a importância desta pesquisa do fato de que não apenas na área de análise do discurso, mas em um contexto geral, ainda existem poucas pesquisas a respeito das comunidades da *machosfera*, dado que esse acontecimento é recente, principalmente no Brasil, posto que a grande movimentação em torno do tema se deu, justamente, com o surgimento da figura de Thiago Schutz, que emergiu com maior importância na internet por volta de janeiro de 2023, por conta de suas falas polêmicas. Assim, considerando isso, espero contribuir, com a pesquisa, para o avanço da análise do discurso dentro do rol de temáticas possíveis a partir da perspectiva da performatividade de gênero e de outras temáticas que a *machosfera* permite explorar, assim como para outros avanços científicos, tais como em pesquisas feministas, pesquisas sociológicas e socioculturais e pesquisas linguísticas.

Nos subcapítulos a seguir, abordarei: primeiramente a categorização do discurso Red Pill, assim como de outros discursos da *machosfera*, enquanto discurso digital, a partir dos conceitos de Paveau; o funcionamento da *machosfera* enquanto dispositivo dentro do contexto do on-line; e, posteriormente, quais as principais comunidades macho-centradas observadas durante a delimitação de escopo deste trabalho, as particularidades de seus discursos e das masculinidades que produzem, para que se possa compreender melhor o ambiente em que essas dinâmicas discursivas ocorrem, assim como as divergências e regularidades que estão postas nessas comunidades e os fatores determinantes para a seleção de uma delas – a comunidade Red Pill – para um olhar mais dedicado.

2.1 VIGILÂNCIA E DISCIPLINA: OS DISCURSOS DIGITAIS E AS BOLHAS

Pensando no enfoque deste trabalho, que se dá majoritariamente no discurso Red Pill, e levando em consideração a revisão da literatura de pesquisas anteriores¹⁶, que constantemente determinam a *machosfera*, dispositivo que compreende a produção e dispersão de discursos macho-centrados, como um ambiente primordialmente e essencialmente digital, importa estabelecer o que é o discurso digital e como este relativamente novo modelo de discurso interfere na análise do discurso propriamente dita. Para isso, buscaremos entender neste subcapítulo a concepção de Paveau de discurso digital, o conceito de filtro-bolha e como a *machosfera* se relaciona com esses conceitos, no prisma da análise do discurso.

Paveau (2021) aponta que há seis características principais do discurso digital, que são determinantes para o instrumental teórico e metodológico da análise do discurso, são elas: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Primeiramente, a composição diz respeito à natureza mista dos tecnodiscursos, híbridos do que é e do que não é linguageiro e revestidos de semiótica, podendo mobilizar ferramentas discursivas e não discursivas simultaneamente (texto, imagem, som) (Paveau, 2021, p. 58).

Dada a composição do discurso digital apresentada por Paveau, a natureza digital da *machosfera* e as formas em que se apresentam os discursos macho-centrados operados por esse dispositivo, inicialmente em fóruns e páginas de redes sociais, utilizando-se de ferramentas visuais¹⁷ e textuais, pode-se desde já presumir que estes discursos macho-centrados, sobre os quais se debruça esta pesquisa, são, por certo, discursos digitais. O discurso Red Pill, em especial, em sua ascensão, demonstra cada vez mais se apropriar de recursos semióticos, de imagem, som e texto, atravessando espaços como *podcasts*, livros, memes e palestras e, inclusive, ganhando rostos, representações corpóreas, como é o caso do “Calvo do Campari”.

A *deslinearização* descreve a característica dos discursos digitais de se apresentarem de forma dispersa e interconectada, por meio de hiperlinks, direcionando o leitor para diferentes situações de enunciação (Paveau, 2021, p. 58). A exemplo, novamente, do discurso

¹⁶ García-Mingo & Díaz Fernandez (2022); Ging (2019); Gotell & Dutton (2016); entre outras.

¹⁷ A semiologia no uso de recursos de imagem na *machosfera* é uma característica cuja expansão da análise exigiria um espaço mais amplo de debate do que este trabalho pode proporcionar, porém é interessante observar que já existem alguns trabalhos que observam essa ocorrência, a exemplo de *Take your pill: semiotica della manosphere* (Matarazzo, 2020/2021) e *A semiótica psicanalítica dos celibatários involuntários* (Braga, 2021).

Red Pill – considerando que este é o foco da pesquisa, mas evidenciando que o mesmo ocorre em outros discursos da *machosfera* –, visto no fórum R/TheRedPill, assim como é possível observar em qualquer outro fórum Red Pill, em redes sociais, sites como o de Thiago Schutz e outros veículos digitais similares, o discurso não se desenvolve linearmente. Nem mesmo a pseudoteoria Red Pill, que tenta se estabelecer no fórum R/TheRedPill, apresenta-se em um texto unificado, mas por meio de tópicos com links diversos, que levam para outros ambientes e enunciados, dentro e fora do site em questão.

A terceira característica do discurso digital é a *ampliação*, que se dá no aspecto social da web, pela enunciação ampliada gerada pela possibilidade de colaboratividade na escrita de enunciados (Paveau, 2021, p. 59). Na *machosfera*, essa característica é estruturante das comunidades macho-centradas, que ampliam seus discursos, principalmente nos fóruns, por meio de postagens e comentários, tópicos e subtópicos anexados de usuários, contribuintes ativos do desenvolvimento enunciativo e, no caso do discurso Red Pill, também da pseudoteoria.

Conectada à terceira característica, se dá também a quarta característica do discurso digital, a *relacionalidade*. A produção do discurso em via de mão dupla, através dos escritores e leitores e da interação usuário-máquina faz com que todos os discursos digitais sejam, de uma forma ou de outra, inscritos em uma mesma relação (Paveau, 2021, p. 59). Essa característica se mostra nos discursos da *machosfera* por meio das relações passíveis de serem traçadas entre os discursos que circulam na *machosfera* e discursos que circulam, por exemplo, em redes sociais como o Facebook, que não são essencialmente os mesmos, mas são relacionáveis em certo nível de intertexto, como ocorre, fora do ambiente digital, com Içami Tiba e o discurso Red Pill.

A quinta característica do discurso digital apontada por Paveau é a *investigabilidade*, que remete à possibilidade de retomar e coletar os discursos por meio de ferramentas de busca, investigando-os, já que no meio digital tem-se registrados os metadados, que ficam inscritos nessa rede (Paveau, 2021, p. 59). Na *machosfera* essa característica se apresenta intrinsecamente, até mesmo nos dados que aqui serão usados para análise, pois, ainda que de forma dificultada ao acesso geral quando em comunidades mais reclusas, que utilizam espaços como a *deep web* e a *dark web* para construir discursos, é próprio da estrutura da *web* que esses dados estejam inscritos em seu código.

Por último, a sexta característica é a *imprevisibilidade*, que se relaciona diretamente com a possibilidade de a máquina também atuar na produção do discurso, concomitantemente ao usuário humano, tornando o enunciado não previsível (Paveau, 2021, p. 59-60). No

contexto da *machosfera*, e, em específico, do discurso Red Pill, essa característica passa, inclusive, por um aspecto de identificação e seleção de novos membros para essas comunidades macho-centradas, de forma algorítmica, construindo um público-alvo com potencial de aderir às práticas e ao discurso de determinada bolha, nesse caso, como já disposto por Ging (2019), um público majoritariamente composto por homens que compartilham de um sentimento de frustração em relação às mulheres e objetivam, em comum, combater o feminismo.

Seguindo a tendência atual das ciências sociais de voltar sua atenção à materialidade, a análise do discurso também se vê voltada aos aspectos materiais envolvidos na (re)produção de discursos, surgindo a necessidade de se observar os discursos também nos meios que constituem a materialidade atual, como o ambiente digital. Assim, começa-se um movimento de fuga da concepção de discurso enquanto algo totalmente abstrato, pois este constitui-se também de materialidade, corporalidade, tecnologias etc.

Conforme propõe Paveau a respeito da ecologia digital, em consonância com a perspectiva neomaterialista pretendida por Butturi e Camozzato (2023), há uma necessidade iminente de adaptarmos dispositivos teóricos dos estudos da linguagem e da análise do discurso para acolher as particularidades do digital. Isso porque é necessário que reconheçamos que o meio digital traz novos elementos para os discursos, elementos não-humanos, tais como as interfaces, os emojis, os memes e os próprios algoritmos, que se apresentam de forma heterogênea e multifacetada, e produzem efeitos na relação humano-não-humano. Sendo assim, o meio digital é um compósito de conteúdos que chegam até nós e de sua produção, alterando-se não só a dinâmica de produção e recepção desses discursos, mas também a dimensão e os modos de expressão em que eles se dão.

Para este trabalho, torna-se, portanto, importante compreender como esses discursos nativos digitais, fortemente ligados e indissociáveis da ação dos algoritmos, têm efeitos dentro e fora do meio digital. A machosfera, enquanto ambiente radicalmente digital, pode ser observada, nesse contexto, considerando suas relações de poder, práticas e discursos, como um ambiente ideal para a coleta de excertos discursivos para análise dos discursos atravessados pela ação dos algoritmos, interfaces e outros elementos do meio digital.

Entra-se aqui, então, na questão dos algoritmos. Esses agentes do discurso digital operam constantemente nossas vidas, mesmo que de forma velada, visto que determinam o que vemos/lemos diariamente e, com isso, também determinam os discursos com os quais teremos contato e que provavelmente reproduziremos. Nessa perspectiva, conforme Butturi e Camozzato também afirmam, é imprescindível observar o discurso como indissociável da

matéria, posto que as práticas discursivas e a materialidade não se desprendem nem se explicam uma sem a outra e nem mesmo há nelas uma estaticidade estabelecida, pelo contrário, se estabelece entre discurso e matéria uma relação de constituição constante, de intra-atividade (Butturi e Camozzato, 2023).

Há um jogo de interesses e de poder bastante explícito nessa dinâmica, visto que os algoritmos não surgem naturalmente, tampouco sua seletividade é operada de maneira orgânica, pelo contrário, são dispositivos tecnológicos criados e operados com propósitos. O mesmo se dá, por exemplo, com os dispositivos móveis e, ainda, nas intra-ações destes atores não-humanos com os humanos. Os discursos digitais sofrem influência dos algoritmos e passam, certamente, a se alimentar e se (re)construir numa dinâmica com cada vez menos interferência externa, humana, mediados pela tecnologia, por inteligência artificial, entre outros programas e ferramentas, porém são inicialmente produzidos por humanos e perpassam também a corporalidade, assim como os próprios algoritmos, que hoje controlam essa dinâmica. Por isso, é importante também analisar como esses corpos por trás dos/atrassados pelos discursos digitais se relacionam com sua produção e circulação, assim como sua recepção e seus públicos-alvo. É, também, por esse motivo que uma análise neomaterialista dos discursos, pensando sobretudo nos discursos nativos digitais, ressalta que esses discursos “não podem ser analisados a partir da matéria languageira, mas sim como compósitos, que integram o languageiro e o tecnológico, e igualmente o cultural, o social, o político, o ético, etc.” (Paveau, 2021, p. 159). Nos interessa avaliar, aqui, quais interesses permeiam a circulação desses discursos digitais e como, nesse meio, é possível ver questões gênero, aparência, padrões sociais, gestos, comportamentos, imagens refletidas e representadas.

A interface é, também, um elemento da infraestrutura digital, e, portanto, também da machosfera (que é essencialmente digital), sendo importante na compreensão dos efeitos do discurso digital, visto que a disposição de elementos em uma página ou servidor também atua como ferramenta de dispersão e alinhamento de discursos, assim como age na captação de sujeitos relacionáveis ao discurso ali proliferado, com, certamente, auxílio do algoritmo.

No meio digital, desde o princípio do uso dos algoritmos e das redes sociais, observou-se a ocorrência da personalização dos conteúdos, levando o usuário até sites, produtos, empresas e outros agentes de seu possível interesse com base nos dados registrados na *web*. A princípio isso operou como um mecanismo facilitador da navegação e do uso de plataformas digitais como *marketplace*, permitindo que usuários fossem não somente ligados a conteúdos de seu interesse, mas também para sites de venda e para locais de captação de

dados, como formulários. Posteriormente, tornando a se desenvolver cada vez mais em termos de mapeamento de dados, associação de informações e projeção de perfis ainda mais detalhados de usuários, iniciou-se o fenômeno da formação de “bolhas” no ciberespaço.

O fenômeno que ficou conhecido como filtro bolha (Pariser, 2011) atua limitando, algoritmicamente, cada vez mais o espaço digital que os usuários da *web* ocupam, por meio da individualização das informações, da filtragem de conteúdos e da coleta e mapeamento de dados, deixando disponíveis ao acesso apenas os conteúdos consonantes às opiniões, gostos e estilo de vida do usuário e afastando conteúdos que divergem desses fatores. O que se percebe é que esses filtros bolha causam um certo estado de inércia, ou seja, a partir do momento que o sujeito é absorvido pela bolha, tende a permanecer dentro dela. Além disso, a atuação dos filtros bolha é definida por Fava e Pernisa Júnior (2017) como “opaca”, pois é uma mediação da qual os usuários não tomam consciência, embora tenham suas escolhas guiadas e alteradas por ela. É a partir desse funcionamento de filtro bolha que a *machosfera* se constrói no ciberespaço e demonstra seu comportamento de dispositivo.

A *machosfera* originou-se no digital e vem sendo descrita como um espaço digital desde o surgimento de trabalhos de pesquisa a seu respeito¹⁸, por isso, embora nesta proposta de análise seja defendido que esta já não é mais um dispositivo puramente digital – ou pelo menos os sujeitos por ela produzidos não são, é preciso reconhecer que ela ocupa um espaço considerável no digital. Sendo a *machosfera*, então, em termos de comunicação digital, uma bolha, reúne usuários com interesses em comum e perfis similares e, a partir do discurso associado à ação algorítmica, determina as escolhas desses usuários, limitando progressivamente suas interações com conteúdos diversos e, conseqüentemente, o repertório de informações às quais estão expostos. Esse comportamento demonstra o poder exercido pelos filtros bolha ao vigiar as ações do usuário, de modo não perceptível por este, influenciar suas tomadas de decisão e produzir sujeitos de acordo com os interesses programados nos algoritmos, colocando, assim, a *machosfera* em um lugar de dispositivo de vigilância e de disciplina.

Como já visto anteriormente neste texto, a *machosfera* é um conjunto bastante heterogêneo de comunidades macho-centradas que operam discursos diversos, o dito e o não dito, daí uma das características que a enquadram no conceito de dispositivo: a heterogeneidade. Ainda, a *machosfera* contempla outras características que determinam seu funcionamento de dispositivo, desde sua emergência enquanto possível resposta a uma crise

¹⁸ Debbie Ging (2017); Xiaoting Han e Chenjun Yin (2022); Shannon Zimmerman (2023) e outros.

de poder, assim como ocorre no surgimento do dispositivo da sexualidade (Foucault, 2017), nesse caso, sendo o feminismo, mais especificamente a nova onda, considerado uma ameaça pelos sujeitos que compõem as comunidades da *machosfera*, até sua função estratégica em operar poderes e saberes na disputa constante dos discursos.

A vigilância e a disciplina entram em questão, muito em consonância ao funcionamento de filtro bolha da *machosfera*, como mecanismos de poder desse dispositivo. Um dispositivo que se dá no ambiente digital, especialmente com o uso dos algoritmos, possui uma capacidade de vigilância simultânea e discreta das ações, e até mesmo de intenções de ação, dos usuários que supera a do panóptico de Bentham, sendo muito mais intrusiva, visto que confere aos usuários uma espécie de liberdade vigiada (Silva, 2023), deixando-os confortáveis em utilizar do dispositivo enquanto alimentam, inconscientemente, seu poder sobre eles mesmos. Essa atuação dos dispositivos digitais é, inclusive, interpretada por Byung-Chul Han (2017) como o que ele denomina “panóptico digital”.

Assim como no panóptico original, essa vigilância constante, associada aos discursos que observamos nas comunidades macho-centradas, leva a um processo de disciplinar o sujeito e o corpo. O discurso Red Pill, por exemplo, ainda que surja como um movimento de resistência, se colocando como formador de sujeitos disruptivos em relação a uma suposta dominação feminina, passa por esse regime de controle dos sujeitos e dos corpos, impondo uma correção de comportamentos e até mesmo de fisionomia, como será demonstrado mais adiante.

2.2 AS PÍLULAS, OS LOBOS E OS INCELS

Explorando a característica da heterogeneidade dos dispositivos, tendo como objeto de análise a *machosfera*, e buscando demonstrar o discurso Red Pill como um dos mais relevantes atualmente, neste subcapítulo pretendo apresentar as principais comunidades macho-centradas encontradas na *machosfera*, a partir de pesquisas pessoais em fóruns e redes sociais e de revisão da literatura disponível sobre o tema até o momento.

Debbie Ging desenvolveu um dos trabalhos mais detalhados sobre masculinidades da *machosfera* até o momento, também com foco na comunidade Red Pill, por isso suas observações são de extrema importância para este trabalho. A autora descreve uma divisão por cinco principais grupos de interesse dentro da *machosfera* (Ging, 2017, p. 7), dos quais partem diversas subcomunidades – aqui descritas como comunidades macho-centradas –, e aponta que esses grupos, embora dispersos e divergentes entre si (como nas divergências entre Geeks e TradCons ou outros na tabela que veremos mais adiante), se organizam em torno de uma ideia central: o combate ao feminismo.

A partir desses grupos de interesse, surgem as comunidades macho-centradas. As comunidades macho-centradas de maior destaque são a comunidade Red Pill, anteriormente observada como o que se pode chamar de comunidade dos Lobos, conforme veremos adiante, e a comunidade Incel.

Um aspecto em comum entre essas comunidades é o uso de termos ou siglas, em maioria em inglês, para definir perfis de pessoas, ideias e princípios da comunidade. Alguns termos, como alfa, beta e sigma, tem se popularizado fora do ambiente digital em razão do surgimento de figuras como Thiago Schutz e outros influencers e coaches que tem usado seus espaços de influência – redes sociais e podcasts, principalmente – para difundir a (pseudo)teoria Red Pill. Para trazer à luz esses termos e para fins explicativos, considerando o contexto brasileiro de uso e a necessidade de utilizá-los ao longo das próximas etapas deste trabalho, procurei produzir uma breve listagem desses termos, que será vista a seguir.

A começar pelos termos mais abrangentes, que, conforme Ging, referem-se aos cinco maiores “grupos de interesse” da *machosfera* (Ging, 2017, p. 7), e, posteriormente, adentrando os termos usados dentro de comunidades específicas, temos:

Tabela 1 - Grupos de interesse da machosfera

MRA	<i>Men's Rights Activists</i> – Ativistas dos Direitos dos Homens; um movimento masculinista antifeminista que acredita que os homens estão
-----	---

	sistematicamente em desvantagem social em relação às mulheres.
MGTOW	<i>Men Going Their Own Way</i> – Homens Seguindo Seu Próprio Caminho; uma perspectiva que neutraliza a questão do “celibato involuntário” (Incel), possibilitando ao homem assumir que está nessa condição por opção, por renunciar às mulheres como forma de protesto.
PUA	<i>Pick Up Artists</i> – Artistas da Sedução; homens que objetivam obter sucesso em conquistar um grande número de mulheres sexualmente, por meio de estratégias e comportamentos que compartilham entre si.
TradCons	<i>Traditional Christian Conservatives</i> – Cristãos Tradicionais Conservadores; grupo de interesse que diverge dos outros por se fundamentar em valores religiosos, enquanto outros têm princípios libertários, mas que convergem pelo interesse de combater o feminismo e pelo argumento da liberdade de expressão.
Gamer/geek ¹⁹	Grupo de interesse formado por jogadores de videogame ou pessoas que compartilham do interesse por tecnologia e “cultura geek”; diverge significativamente dos outros grupos de interesse, mas possui certo poder na <i>machosfera</i> , sendo, inclusive o responsável pelo evento do Gamergate ²⁰ .

Fonte: Arquivo pessoal, criado pela autora²¹

Tabela 2 - Termos da comunidade Incel²²

Chad	O arquétipo do homem ideal para o Incel, que cumpre os requisitos estéticos (branco, atlético, atraente) e pode conquistar a mulher que desejar pois desperta nas mulheres atração biológica; reforça a crença dessa comunidade na necessidade de uma aparência ideal.
Stacy ²³	O ideal feminino da mulher para o Incel; aquela que é vista como bonita e que por isso pode escolher seus parceiros sexuais; é o maior alvo de ódio dessa comunidade, pois representa algo que consideram inalcançável.
Becky	A mulher branca básica.

¹⁹ Segundo Ging, apenas uma parcela menor dos gamers/geeks estão inseridos em comunidades da *machosfera* e mesmo aqueles que estão costumam carregar discursos divergentes de outras comunidades em tópicos como o direito ao aborto e o casamento (Ging, 2017, p. 7)

²⁰ Campanha de ataques misóginos e assédio on-line ocorrida entre 2014-2015 e que teve início objetivando demonstrar a insatisfação dos *gamers* diante da diversidade e do progressismo aparente em novos jogos.

²¹ As informações utilizadas como base para as tabelas explicativas 1 e 2 foram retiradas no artigo de Debbie Ging, *Alphas, Betas and Incels: theorizing masculinities of the manosphere* (2017), e do artigo *Learn to Decode the Secret Language of the Incel Subculture*, do portal de notícias Vice News, de 2018 – disponível em: <https://www.vice.com/en/article/7xmaze/learn-to-decode-the-secret-language-of-the-incel-subculture>.

²² A comunidade Incel é formada por usuários ávidos da *web* e possui um grande número de terminologias próprias, são mais de trinta listadas apenas no artigo disponível no portal de notícias Vice News (2018), portanto, considerando que o foco deste trabalho se voltará a outra comunidade, foram selecionados apenas os termos de uso mais frequente ou que de alguma forma serão importantes na compreensão deste trabalho.

²³ É importante lembrar que todos os termos para se referir a mulheres aqui, com base no uso da própria comunidade que os cria, são pensados apenas para mulheres cisgênero e brancas.

Normie	O homem comum, de fora da “bolha”.
Brad	O homem que não é um Chad nem um Normie, que já teve relações sexuais ou românticas com mulheres, mas ainda se vê em desvantagem.
Femoid	Termo pejorativo para se referir a mulheres, que une <i>female</i> (fêmea) e <i>humanoide</i> (humanóide).
Roastie	Refere-se a mulheres que já tiveram relações sexuais; para o Incel, a mulher tem seu valor reduzido a cada interação sexual que realiza e passa a ter a vulva deformada, por isso o termo “roastie”, em referência a “roast beef sandwich” (sanduíche de rosbife), que faz uma associação visual depreciativa entre a vulva, como o Incel a imagina, e o sanduíche de rosbife.
ER	Sigla para Elliot Rodger, atirador em massa responsável pelo assassinato de seis pessoas na Califórnia em 2014, autodenominado Incel e que ficou conhecido no meio como uma espécie de ídolo.
Ascending	<i>Ascendendo</i> – Processo em que um Incel decide tentar “escapar” de sua condição, ascendendo a uma outra categoria, como Normie ou Chad.
Gymcel	Incel que tenta ascender por meio da transformação corporal, passando a fazer exercícios dedicadamente.
Mewing	Uma técnica de modelação facial em que se faz pressão no céu da boca com a língua para, com o tempo, mudar o formato do rosto; o nome se dá pela invenção ser atribuída a Mike Mew, ortodontista.

Fonte: Arquivo pessoal, criado pela autora

Tabela 3 - Termos da comunidade Red Pill²⁴

Red Pill	<i>Pílula vermelha</i> – em alusão ao filme Matrix (1999), a pílula da verdade, aquela que, quando tomada, leva a pessoa a enxergar a misandria e a “lavagem cerebral” feminista a qual todos estão submetidos.
Blue Pill	<i>Pílula azul</i> – em alusão ao filme Matrix (1999), a pílula que nada revela, que mantém a pessoa vivendo em ilusão; no caso do discurso Red Pill no Brasil, muitas vezes diz-se do homem que não tomou a pílula vermelha.
Black Pill	Equivalente ao <i>sigma</i> , é uma versão niilista do discurso Red Pill, em que o homem enxerga a realidade porém assume que não é possível mudá-la.
Redpilado	Termo que se popularizou no Brasil para designar o homem que tomou a pílula vermelha, que foi conquistado pela Red Pill.
Alfa	O macho que lidera a alcateia, em analogia aos lobos, que está no topo da

²⁴ As informações para a construção desta tabela foram retiradas no artigo de Debbie Ging, *Alphas, Betas and Incels: theorizing masculinities of the manosphere* (2017), e do artigo de Mateo Valdivia, *Alpha, Beta, Sigma: A Critical Analysis of Sigma Male Ideology* (2023).

	hierarquia; símbolo da materialização da masculinidade hegemônica.
Beta	O macho mais abaixo na hierarquia, que não é biologicamente tão atraente às mulheres quanto o macho alfa, mas que conquista mulheres na escassez de machos alfa.
Sigma	Na tentativa de quebrar a dicotomia Alfa-beta, os homens Sigma são aqueles que facilmente se enquadram como Alfas, mas se identificam como lobos solitários e rejeitam o pensamento do grupo, optando por uma filosofia de vida baseada em uma espécie de niilismo.
VSM	<i>Valor Sexual de Mercado</i> - concepção mercadológica das interações sexuais; conforme atributos e características como aparência, idade, quantidade de parceiros sexuais anteriores, entre outras, atribui-se um alto ou baixo VSM para uma pessoa.

Fonte: Arquivo pessoal, criado pela autora

Em relação aos termos Alfa, Beta e Sigma, cabe ainda um adendo. Antes da popularização dos termos *Red Pill*, *Blue Pill* e *Black Pill*, que nasceram por analogia ao filme *Matrix* (1999), já era comumente usado o termo *macho alfa*. A origem desse termo, empregado para categorizar os sujeitos *machos* produzidos na *machosfera*, diferentemente da *Red Pill*, vem de um estudo científico. O livro *The Wolf: Ecology and Behavior of an Endangered Species* (O Lobo: Ecologia e Comportamento de uma Espécie Ameaçada), de 1981, escrito por L. David Mech, se tornou *best-seller* e logo o termo em questão, utilizado pelo autor para descrever o lobo que lidera a matilha, se popularizou, iniciando um movimento de incentivo aos homens para que se tornassem *machos alfa*.

Mais recentemente, já nos anos 2000, L. David Mech, já com ciência da popularização dos termos por ele propostos, pronunciou-se dizendo que o estudo publicado já não tinha precisão científica e estava desatualizado²⁵, principalmente em relação à designação do *macho alfa*. Apesar dessa correção posterior, a apropriação dos termos, traçando uma relação entre o suposto comportamento dos lobos observado no estudo e o comportamento humano, já havia se consolidado nas comunidades da *machosfera*. Como veremos posteriormente, a produção desse autor e a adoção desses termos pela *machosfera* têm direta relação com o processo de produção de verdade, por meio da produção de (pseudo)teoria, que defende existir em relação ao discurso *Red Pill*.

²⁵ DAVE MECH. Wolf News and Information. 2022. Página inicial. Disponível em: <https://davemech.org/wolf-news-and-information/>. Acesso em 31/07/2024

Ainda, retomando as observações de Ging, sobre a opção de direcionamento do foco para o discurso Red Pill, a autora diz:

É central para as políticas da *machosfera* o conceito de Red Pill, uma analogia que deriva do filme Matrix, de 1999, no qual é dada a Neo a escolha de tomar uma de duas pílulas. Tomar a pílula azul resulta em desligar-se e viver uma vida de ilusão; tomar a pílula vermelha resulta em se tornar esclarecido para as verdades feias da vida. A filosofia Red Pill pretende acordar os homens para a misandria e a lavagem cerebral do feminismo, e é o conceito chave que une essas comunidades. (Ging, 2017, p. 3, tradução própria)

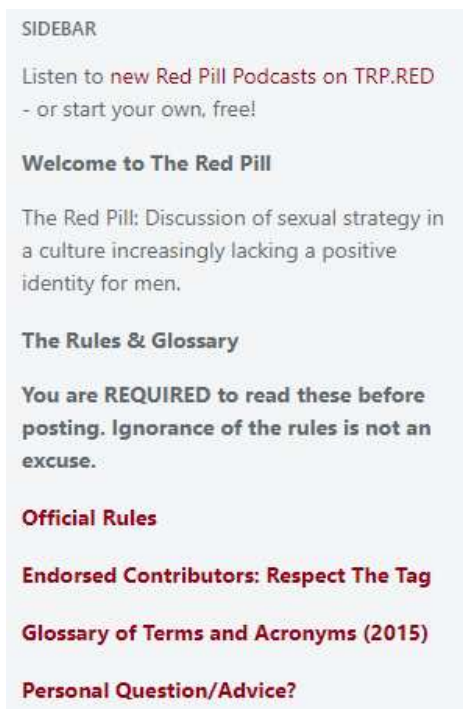
Assim, é possível perceber que, conforme diz a autora, o conceito chave que une as comunidades da *machosfera* em prol de um objetivo comum é, justamente, o conceito por trás do que ela intitula “filosofia Red Pill”, sendo assim, pode-se determinar a importância desse discurso na estruturação da *machosfera* em seu todo.

Já em crescimento em outros países, principalmente no meio digital, o discurso Red Pill teve seu *boom* no Brasil a partir da viralização, nas bolhas digitais, de vídeos de Thiago Schutz, influencer, autor e mentor, em que este argumenta em favor da adoção de um certo estilo de vida Red Pill, aplicando o discurso Red Pill aos seus comportamentos e, inclusive, divulgando seus cursos e livros a respeito do tema. Esse fenômeno, que “furou” a bolha da *machosfera* e trouxe o discurso Red Pill a outros públicos no Brasil, é o que impulsiona, ainda mais, a necessidade de compreendermos o que constrói esse discurso, em que se justifica o seu inflame e, como defenderei aqui, como esse discurso vem se demonstrando eficiente dentro de um regime de verdade que o coloca como (pseudo)teoria.

3 MACHOS TAMBÉM PENSAM: SABERES RED PILL

O Reddit²⁶, fundado em 2005, é uma plataforma de alocação de fóruns temáticos. Esses fóruns são divididos em comunidades que se definem por nichos, chamadas Subreddits, e, conseqüentemente, seus fóruns possuem incontáveis páginas de conteúdos postados por administradores e frequentadores. O Subreddit R/TheRedPill, atualmente em estado de quarentena, é uma comunidade macho-centrada que constitui um dos muitos fóruns do Reddit, fazendo parte da *machosfera*, e possui inúmeras sequências de debates, publicações e hiperlinks que encaminham para outras páginas ligadas a comunidades macho-centradas, neste caso, ligadas ao discurso Red Pill. Portanto, para melhor delimitar a análise, farei um recorte dos conteúdos encontrados na Sidebar (barra lateral - local em que, no layout do Reddit, ficam listados os principais tópicos e conteúdos de um Subreddit), que consiste, majoritariamente, em um compilado de conteúdos para iniciação de novos membros no fórum.

Figura 3 - R/TheRedPill Sidebar²⁷



²⁶ REDDIT. Página inicial. Disponível em: <https://www.reddit.com/>. Acesso em 31 jul. 2024

²⁷ “BARRA LATERAL. Ouça o novo Podcast Red Pill no TRP.RED – ou comece o seu próprio, gratuitamente!/
Bem-vindo ao The Red Pill. A Red Pill: discussão de estratégia sexual em uma cultura crescentemente desprovida de uma identidade positiva para homens./ **Regras & Glossário. Você é OBRIGADO a ler isso antes de postar. Ignorância às regras não é uma desculpa.**/ Regras Oficiais/ Contribuidores Endossados: Respeite a Tag/ Glossário de Termos e Acrônimos (2015)/ Questões Pessoais/Aconselhamento?” (tradução própria).

No tópico denominado */Red Pill Theory*, encontra-se o título *A Comprehensive Guide to The Red Pill*, que é, por sua vez, dividido em seções, quais sejam: *Introduction*, *KISS*, *Desires*, *The Red Pill*, *The Sexual Marketplace* e *Improving Sexual Market Value (SMV)*. Há também menção a um manual Red Pill, mas o link atribuído a essa menção já não está mais disponível na web. Partindo apenas dessas seções, que buscam apresentar a novos membros da comunidade os principais aspectos do discurso Red Pill, já é possível traçar atravessamentos com outros discursos. Essa interdiscursividade, alinhada à hipótese de tentativa de validação do discurso Red Pill enquanto (pseudo)teoria, será detalhada ao longo deste capítulo.

De forma similar ao que ocorre nas pseudociências, a machosfera constrói uma estrutura de validação do discurso Red Pill a partir do cruzamento de crenças populares, afirmações sobre uma suposta realidade revelada e fragmentos de teorias que possuem, ou já possuíram, algum reconhecimento científico. Esse é o caso da teoria de L. David Mech, *The Wolf: Ecology and Behavior of an Endangered Species*, publicada em 1970 e posteriormente desbancada pelo próprio autor²⁸, que reconheceu que os comportamentos ali observados não eram precisos e nem aplicáveis a outras espécies, porém, na machosfera, ainda se observa a aplicação desses conceitos desenvolvidos pelo autor para justificar os termos “alfa”, “beta”, “sigma”, entre outros, e as características atribuídas a esses termos enquanto definições de padrões de comportamento masculino.

É nessa estratégia retórica que as pseudociências se apropriam de teorias já sem credibilidade científica, seja porque já descartadas ou porque são antigas e não foram devidamente revisitadas, e criam, a partir disso, um aspecto de verdade, de conhecimento verificável. Pode-se dizer que o mesmo ocorre, então, no discurso Red Pill. Há, porém, uma diferença nesse processo, visto que, conforme se observa na proeminente descredibilização de outros saberes científicos e na reafirmação do discurso Red Pill como uma “filosofia”, não parece haver uma intenção de ocupar o lugar de ciência, como ocorre nas pseudociências, mas sim uma tentativa de produção de um outro espaço, intermediário, que contemple a necessidade de validação de seus argumentos e a volatilidade desse discurso na mesma medida.

²⁸ YOUTUBE. Eduweb. “Alpha” Wolf? 15/fev/2008. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tNtFgdwTsbU>. Acesso em 20 jul. 2024

Ainda nesse sentido, mais um exemplo bastante notável de retomada de teorias já desbancadas pela ciência é a fundamentação de argumentos na construção do discurso Red Pill a partir da psicologia evolucionista. Debbie Ging, em seu artigo *Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere*, explica que

A retórica política da machosfera, em contrapartida, é quase exclusivamente dominada pela psicologia evolucionista, que se debruça fortemente no determinismo genético para explicar comportamentos masculinos e femininos em relação à seleção sexual. Não obstante as limitações objetivas da psicologia evolucionista, cuja problemática influência foi percebida ao longo de uma série de contextos sociais e culturais (Ging 2009; O’Neill 2015b; Cameron 2015), o engajamento da machosfera com esse campo limita-se à interpretação superficial e reciclagem de teorias que apoiam um catálogo recorrente de demandas: que mulheres são irracionais, hipergâmicas, condicionadas a fazer par com machos alfa, e precisam ser dominadas. (Ging, 2017, p. 11-12, tradução própria)

O que se inicia como uma explicação para determinados comportamentos, desenvolve-se progressivamente até traçar aproximações com discursos de caráter ofensivo e perigoso, como o discurso eugenista. Ora, é lógico que, estabelecendo-se no discurso uma relação entre biologia, genética e comportamento humano, principalmente quando se tratando de um discurso que se volta para a mediação de relacionamentos heteronormativos, como é o caso do discurso Red Pill, inevitavelmente surgirão, em algum momento, formações discursivas voltadas à seleção de parceiros sexuais, o que, em uma espécie de efeito cascata, leva à abordagem de filtragem dos genes de acordo com determinadas preferências, supostamente biológicas, e assim por diante. No fórum R/TheRedPill, ao buscar por “genetic”/”genetics” é possível encontrar inúmeras postagens que reafirmam essa mesma lógica, como: “feministas nunca serão capazes de redefinir beleza, porque homens são biologicamente programados para buscar fertilidade”²⁹.

Para retomar o estopim da ideia deste trabalho, cabe mencionar aqui, ainda, para pensarmos nesses atravessamentos discursivos, a obra de Içami Tiba, *Homem Cobra Mulher Polvo*, de 2017, que, apesar de distante da noção de discurso Red Pill que temos hoje, traz também aspectos da psicologia evolucionista para justificar comportamentos masculinos e femininos, colocando sob uma perspectiva binária e biologizante não apenas o sexo, mas as interações humanas. Diferencia-se drasticamente do tom do discurso Red Pill atual no ponto em que se propõe a ser uma leitura “filtrada pelo bom humor” (Tiba, 2017) e não uma

²⁹ REDDIT. R/TheRedPill. Comments: Human Preferences are Genetically Hardwired. 2013. Disponível em https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/1htxk1/human_preferences_are_genetically_hardwired/. Acesso em 21 jul. 2024 (tradução própria)

filosofia de vida ou manual de comportamento, mas aproxima-se também, a exemplo de excertos como: “Agora, ele tem de ser fiel à polvo e renunciar ao seu instinto de divulgador de genes para o mundo” (Tiba, 2017, p. 21); e

O que talvez o cobra nem suspeite é que tudo está escrito nos seus cromossomos, na sua genética. Impelido pela testosterona, o macho procura fêmeas para espalhar seus genes mundo afora, mas nada lhe garante que a fêmea perpetuará seus genes, daí a necessidade biológica de mantê-la sob seu poder. Já para a fêmea, a descendência está assegurada mesmo que ela tenha filhos de vários pais. Para atrair o macho, ela precisa ter quadris largos que agasalhem bem a gravidez, seios fartos para alimentar os filhos dele e beleza, gerando belos machos que, por sua vez, atrairão suas fêmeas. (Tiba, 2017, p. 21).

Outro atravessamento do discurso Red Pill é o neoliberalismo e o estoicismo, ambos conectados por uma busca pela racionalidade masculina. A racionalidade liberal é um fenômeno muito presente nesse discurso, por ser, atualmente, uma característica intrínseca do mercado, como demonstra Lima, ao pontuar que “a mercantilização das sensações do próprio corpo é uma característica insuperável da ordem econômica farmapornográfica: todos estão aptos ao consumo.” (Lima, 2022, p. 132). A agentividade característica do *homo economicus* é trazida aqui como espelho para a agentividade do homem numa relação macho-fêmea, em que se transforma as relações humanas em relações quase mercadológicas. Prova desse aspecto mercadológico é, justamente, o VSM (Valor Sexual de Mercado), representado na Sidebar do fórum R/TheRedPill pela seção *Improving Sexual Market Value (SMV)*, e o *The Sexual Marketplace*, também mencionado entre as seções da Sidebar.

Trazendo o olhar para a perspectiva brasileira, nos deparamos, então, com a figura do Calvo do Campari, ou seja, Thiago Schutz. Para fins de contextualização, faz-se importante tecer uma breve explicação a respeito de quem é Thiago Schutz, como surgiu o apelido “Calvo do Campari” e qual sua relevância no discurso Red Pill em nível de Brasil. Thiago Schutz é um homem cisgênero, branco, de trinta e seis anos, empresário, autor de quatro livros best-sellers na temática de masculinidade, palestrante e apresentador de podcast. Em seu site, *elitemasculina.com.br*, descreve-se como “o principal expoente do desenvolvimento masculino no Brasil”³⁰ e se coloca como “mentor” de masculinidade.

Por volta de março de 2023, durante a participação no episódio *Os perigos do relacionamento*, do podcast Buteco Podcast, Thiago Schutz contou um relato pessoal, com o objetivo de exemplificar como as mulheres possuem um comportamento característico

³⁰ ELITE MASCULINA. Página inicial. 2024. Disponível em <https://elitemasculina.com.br/>. Acesso em 21 jul. 2024.

feminino de “tentar moldar o homem”³¹, em que ele fora supostamente abordado por uma mulher oferecendo-lhe uma cerveja em um bar. Thiago, por sua vez, recusou a cerveja e disse à mulher que ele já estava bebendo, um Campari. A mulher teria, então, insistido no convite, o que, para ele, demonstrava uma tentativa de fazê-lo mudar. Em pouco tempo, iniciou-se a circulação de conteúdos a respeito das falas de Thiago em relação à história envolvendo o Campari e a cerveja, tanto em forma de memes quanto críticas, notícias e “textões” característicos das redes sociais. Juntou-se isso a um certo deboche em relação à aparência de Thiago, mais especificamente, em relação à forma de seu cabelo, e logo ele se tornou conhecido na internet como “Calvo do Campari”.

Figura 4 - Viralização do apelido “Calvo do Campari” (Instagram)



Fonte: Captura de tela a partir de pesquisa pelo termo “Calvo do Campari” no Google, arquivo pessoal.

Figura 5 - Viralização do apelido “Calvo do Campari” (Notícias I)



Fonte: Captura de tela a partir de pesquisa pelo termo “Calvo do Campari” no Google, arquivo pessoal.

Figura 6 - Viralização do apelido “Calvo do Campari” (Notícias II)



³¹ YOUTUBE. Buteco Podcast. Manual RedPill: Os perigos do relacionamento (com Thiago Schutz). 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34&t=537s>. Acesso em 21 jul. 2024

O conteúdo produzido por Thiago Schutz baseia-se, justamente, no discurso Red Pill e foi com a viralização de cortes de suas participações em podcasts que ocorreu o *boom* do discurso Red Pill no Brasil, ao menos de forma a ultrapassar a bolha digital da machosfera em que esses conteúdos já são relevantes. Pouco tempo após o primeiro corte viralizar (justamente o que levou ao apelido de Calvo do Campari), Thiago foi acusado de ameaçar uma jornalista que o estava criticando na internet. Com isso, a figura de Thiago Schutz ganhou ainda mais destaque no cenário brasileiro, chegando a ter seu nome noticiado na maior emissora do país por mais de uma vez³² e chegando, assim, à grande mídia. Nos termos de Pariser, ele teria se conformado numa bolha que, naquele momento, “furou” (Pariser, 2011).

A circulação desse discurso fora do dispositivo-bolha da machosfera quebra o padrão do discurso nativo digital e leva o discurso Red Pill para outros públicos, normalmente não atingidos pela ação viciosa dos algoritmos. A abordagem *coach* do movimento Red Pill também colabora para que esse discurso embarque na tendência dos discursos de autoajuda atual³³. Essa abordagem pode ser observada já na página inicial do site de Thiago Schutz, *elitemasculina.com.br*, em que encontramos o seguinte enunciado: “o maior *ecossistema* de desenvolvimento masculino”. É interessante analisar o uso do termo “ecossistema” aqui, remetendo, novamente, ao natural, evocando uma característica de “orgânico” para esse ambiente de produção do “macho” ideal para a Red Pill.

Retomando a perspectiva da interdiscursividade entre o discurso neoliberal e o discurso Red Pill, podemos observar essa relação a partir de termos que se repetem constantemente no discurso de Thiago Schutz, tais quais “game” e o, particularmente pontuando, mais evidente, “VSM” (Valor Sexual de Mercado), que atribui certo valor comercial ao corpo e ao comportamento feminino, além de expressões comumente repetidas comparando o relacionamento amoroso, nesse caso, heterossexual, a um “trabalho” ou “negócio”³⁴.

³² GLOBOPLAY. Fantástico: Ministério Público denuncia Thiago Schutz por ameaça e violência psicológica contra duas mulheres. 19/mar/2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11462112/>. Acesso em 31 jul. 2024

³³ Segundo a Rádio Senado, o gênero autoajuda ou autodesenvolvimento vem sendo o mais vendido no Brasil desde a pandemia da covid-19, vide RÁDIO SENADO. Autores e livros: Especial Autoajuda: Especialistas falam sobre o gênero mais vendido no Brasil. 03/fev/2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/autores-e-livros/2023/02/03/especial-autoajuda-especialistas-falam-sobre-o-genero-mais-vendido-no-brasil>. Acesso em 31 jul. 2024

³⁴ Fala de Thiago Schutz no Buteco Podcast, episódio *Os perigos do relacionamento*, na minutagem 1:46:00, Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34>. Acesso em 20 jul. /2024

A ideia de trazer esse discurso para uma certa categoria de homens em forma de resistência, como articulador de uma certa revolução masculina por meio do desenvolvimento pessoal, vai no sentido oposto ao que, de fato, o discurso parece promover, visto que se destaca fortemente no discurso Red Pill uma manutenção dos discursos dominantes, que validam o poder hegemônico, principalmente em uma perspectiva biopolítica. Uma marca dessa estratégia é essa fundamentação eugenista, fortemente vinculada à psicologia evolucionista, que guia a construção da verdade que se busca validar enquanto "teoria" Red Pill. Como descreve Lima, o racismo que advém do evolucionismo é essencial no exercício do biopoder do estado:

A partir dessa compreensão de racismo como elemento essencial para o estado exercer seu biopoder, é possível ver o vínculo entre a teoria biológica do século XIX e o discurso de poder, momento em que o evolucionismo, enquanto seleção que elimina os menos adaptados, torna-se uma forma de pensar '[...] as relações da colonização, a necessidade das guerras, a criminalidade, os fenômenos de loucura e da doença mental, a história das sociedades com suas diferentes classes etc.' (Foucault, 2019 [1976], p. 216) (Lima, 2022, p. 39)

Assim, parece-se buscar, para a "teoria" Red Pill, um lugar de lógica, de racionalidade, que não se encaixa nos preceitos e nas normatizações do que se entende por ciência, mas que também não se desvia por completo desse lugar, tentando se mostrar ser algo além de uma convicção, algo menos abstrato e mais verificável. Isso se dá por um distanciamento inevitável da ciência, que ocorre a partir de conflitos discursivos, irregularidades, como quando o feminismo e os estudos de gênero, que já ocupam um espaço consolidado na ciência, entram em conflito com formações discursivas da Red Pill e, em resposta, coloca-se discursivamente esses estudos em um lugar de invalidação, como se pode observar pela seção da Sidebar do fórum R/TheRedPill intitulada *Gender studies is nonsense*, cuja primeira e principal publicação contém o seguinte excerto:

Comediante destrói completamente qualquer alegação do instituto de estudos de gênero com provas de verdadeiros cientistas, biólogos, psicólogos etc. até que o estado o derruba (TheVet, R/TheRedPill, 2013, tradução própria)

Algo interessante acontece em relação a isso, talvez como estratégia de mediação, no discurso de Thiago Schutz no RedCast (YouTube, Caminho Alpha, 25/fev/2023), quando este faz uma associação entre o feminismo e a Red Pill interpretada de maneira “errada”, como ele descreve:

O cara ainda tá numa frustração, o cara ainda tipo, tá meio baleado e tal, a Red vem e dá uma abraçada nele, eu não vou mentir, cara, é

como se fosse meio que um f..., dependendo pro cara é como se fosse um feminismo pra algumas mulheres, tipo, muito frustradas, porque dá aquela consolada. (Buteco Podcast, jan/2023, aos 1:38:00)

o que, ao mesmo tempo que coloca ambos os discursos, Red Pill e feminista, em um estado de suposta paridade, não só pela possível interpretação de que ambos seriam teorias científicas, mas também ao pontuar que ambos seriam formas de escape e consolo para, respectivamente, homens e mulheres passando por frustrações amorosas, também os distancia, ao sugerir que haveria uma maneira correta de interpretação da Red Pill, enquanto o mesmo não é sugerido em relação ao feminismo.

É possível dizer que o discurso Red Pill busca ocupar uma espécie de não-lugar no campo dos saberes, um novo espaço, ainda um tanto abstrato e pouco delimitado, que preencha a lacuna entre o que se pode definir como ciência, que é verificável dentro da pesquisa científica, e o que é crença popular, um conhecimento vulgarizado. De todo modo, este espaço só é possível no encontro entre as redes sociais digitais e uma produção dos feminismos como problema, cara à Nova Direita (Butturi Junior; Camozzato; Silva, 2022).

4 A RED PILL NA CONSTRUÇÃO DO “MACHO”

Para pensar na construção do “macho” a partir do discurso Red Pill, pensemos que:

Em uma sociedade que insiste em viver sob a lógica da visibilidade, buscando veementemente uma espetacularização do eu, além do desejo de obter a celebridade a qualquer custo, não basta ser alguém ou fazer algo, mas há que performar, forjado na arte de se mostrar fazendo ou sendo, e ainda garantir sua visibilidade nessa exibição. (Lima, 2022, p. 133)

Assim, a masculinidade Red Pill, construída a partir dos discursos de comunidades macho-centradas, assim como a masculinidade incel, geek e assim por diante, é uma (re)construção de uma masculinidade hegemônica (Connel, 2013), visto que ainda perpetua comportamentos característicos desse “macho” dominante, que subordina quaisquer feminilidades, e surge para suprir novas demandas discursivas – mercadológicas e sociais. Essas demandas são contemporâneas, atravessadas pelo discurso digital, pela agência dos não-humanos, por esse modelo atual de sociedade, em que muito importa, também, o registro, no plano digital, a visibilidade dessas performatividades espetacularizadas. Ainda, observando a circulação de discursos de apoio a algumas minorias na machosfera, aqui, mais especificamente homens gays, Ging também ressalta que

Assim, embora eles possam rejeitar significados convencionais das variantes mais tradicionais da masculinidade hegemônica, como a homofobia, a destreza física e o status baseado em riqueza, parece que esses homens não estão menos investidos em atingir a hegemonia sobre mulheres do que seus antecessores. (Ging, 2017, p. 15, tradução própria)

Como em Lima (2022), que afirma que "Em uma sociedade espetacularizada, as fronteiras entre o real e a ficção têm se desvanecido, justamente pela visibilidade mediatizada." e que "[...] Desse modo, enquanto a própria vida tende a se ficcionalizar, recorrendo aos códigos midiáticos, a ficção desenvolve códigos de realismo." (Lima, 2022, p. 133), aqui, sob outra ótica, de lógica similar, é possível pensarmos não só na "visibilidade mediatizada" que se busca com o discurso Red Pill, principalmente em figuras midiáticas maiores, bastante características imagéticamente e discursivamente preparadas, como Thiago Schutz, mas também na produção de verdade no discurso Red Pill, que passa pela tentativa de validação do discurso enquanto teoria, ou algo semelhante. Por esse caminho, o discurso Red Pill pode ser analisado como uma ficção desenvolvendo códigos de realismo, visto que se utiliza de experiências comuns e cotidianas, como as frustrações amorosas, para corroborar formações discursivas com pouco ou nenhum fundamento na materialidade, mas que, por se

aproximarem, emocionalmente, dessas vivências e proporem um discurso de descobrimento da realidade, tornam-se muito atrativas ao sujeito que é atravessado por esses discursos.

Para analisarmos as regularidades discursivas observadas e como elas se relacionam com a produção de masculinidades, selecionei aquelas que, por um lado, parecem produzir mais efeitos nesses corpos e nesses sujeitos, e, por outro, indicam um forte componente racializante relacionado à agência humano e não-humano no digital, atravessando o discurso Red Pill visto no fórum R/TheRedPill e o discurso Red Pill propagado pelo Calvo do Campari. São as principais regularidades observadas, sobre as quais dedicarei maior atenção: (i) natureza, gênero e racialização; (ii) *homo oeconomicus*, liberdade e religião; (iii) moralidade do corpo, a tecnobiopolítica.

Abaixo, insiro a tabela formulada durante o desenvolvimento de corpus deste trabalho para seleção das sequências discursivas a serem analisadas. A tabela foi estruturada da seguinte forma: origem – campo para inserção do local de origem do excerto em questão, para distinguir o que foi retirado do fórum R/TheRedPill e o que foi retirado do podcast Buteco Podcast; descrição – breve descrição do tópico abordado no excerto ou, quando há, título da postagem, e minutagem do vídeo, para os excertos retirados do Buteco Podcast, para contextualização e referência; categoria – campo para designar a qual regularidade o excerto se relaciona, sendo, novamente, (i) para natureza, gênero e racialização, (ii) para *homo oeconomicus*, liberdade e religião, e (iii) para moralidade do corpo, a tecnobiopolítica; data – data de publicação da postagem da qual o excerto foi retirado; link – link para a publicação, quando possível, visto que algumas postagens já foram derrubadas.

A seleção dos excertos retirados da participação de Thiago Schutz no Buteco Podcast, episódio *Manual RedPill: Os perigos do relacionamento*, foi realizada a partir da escuta do episódio completo e registro da minutagem em que ocorrem formações discursivas recorrentes do discurso Red Pill ou repetições léxico-semânticas; já a seleção dos excertos retirados do fórum R/TheRedPill, no Reddit, foi realizada primeiramente a partir do registro geral dos principais conteúdos presentes na Sidebar, por meio de capturas de tela, pensando na garantia de manter esses conteúdos registrados, tendo em vista que o site está em estado de quarentena. Importa dizer, também, que há outras categorias presentes na tabela, como “diversos” e “tentativa de validação da Red Pill como ciência”, que referem-se a excertos que foram utilizados em outros momentos deste trabalho.

Tabela 4 – Esquema de detalhamento de corpus

ORIGEM	DESCRIÇÃO	CATEGORIA	DATA	LINK
Reddit R/TheRedPill	Genesis depicts the consequences of Feminism and the cure: Seek Rebecca abroad.	cristianismo na redpill e direitos das mulheres, retomada da ideia de Adão e Eva (ii)	2023	https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/16ui2h3/genesis_depicts_the_consequences_of_feminism_and/
Reddit R/TheRedPill	The RedPill finance thread	vida financeira do homem pela visão Red Pill, o homem como empresa de si (ii)	2020	link indisponível, publicação derrubada, registro em arquivo pessoal
Reddit R/TheRedPill	A comprehensive guide to the redpill	a teoria, o manual, como ser um redpill - diversos	2017	link indisponível, publicação derrubada, registro em arquivo pessoal
Reddit R/TheRedPill	Glossary	todos os termos explicados estão aqui - diversos	2017	link indisponível, publicação derrubada, registro em arquivo pessoal
Reddit R/TheRedPill	Women are children	o homem como centro da razão, a mulher como infantil, irracional; o homo oeconomicus. (i) e (ii)	2019	link indisponível, publicação derrubada, registro em arquivo pessoal
Reddit R/TheRedPill	Confissão de um incel reformado	relação Red Pill X incel, materialidades do discurso - diversos	2012	link indisponível, publicação derrubada, registro em arquivo pessoal
Reddit R/TheRedPill	The racional male	sidebar do r/theredpill sobre a racionalidade masculina (ii)	2022	https://therationalmale.com/
Reddit R/TheRedPill	Evolutionary origins of beta	justificando a origem biológica dos betas. (i) e (iii)	2024	https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/18uphb7/on_the_evolutionary_origins_of_the_beta/
Reddit	Is this why	racismo, eugenia,	2022	https://www.reddit.c

R/TheRedPill	people are generally attracted to those of their own race?	natureza e atração sexual, seleção biológica de parceiros sexuais (i)		om/r/TheRedPill/comments/v3euv2/is_this_why_people_are_generally_attracted_to/
Reddit R/TheRedPill	This article will infuriate you	gordofobia, natureza e atração sexual, modificação corporal pelo discurso (iii)	2021	https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/ld0dfy/this_article_will_infuriate_you/
Reddit R/TheRedPill	In case you need to be reminded on why you shouldn't commit to a promiscuous woman	moralidade feminina (iii)	2020	https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/huak9n/in_case_you_need_to_be_reminded_on_why_you/
Reddit R/TheRedPill	Scientific study yet again proved RP principles	tentativa de validação da redpill enquanto teoria científica	2019	https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/cmgy3r/scientific_study_yet_again_proves_rp_principles/
Reddit R/TheRedPill	Scientific Research validates Hypergamic Instincts in Women. The Redpill verified by science.	tentativa de validação da redpill enquanto teoria científica; natureza, gênero e sexualidade. (i)	2018	https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/8snhn3/scientific_research_validates_hypergamic/
Reddit R/TheRedPill	Physical attractiveness and its effect on reported sexual outcomes in both genders.	natureza, gênero e sexualidade (i)	2018	https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/9105m3/physical_attractiveness_and_its_effect_on/
RedCast #8 (Manual Red	15:30 - "A redpill também	tentativa de validação da redpill	2022	https://www.youtube.com/watch?v=7f1

Pill)	tem a parte prática e parte teórica dela. As duas conversam muito bem, só que só ela teórica, por si só, não funciona.”	enquanto teoria científica		kYXzdnUk
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	10:22 - “a gente tá num mundo muito frouxo, muito feminino, tá?”	entrelaçamento com o discurso de Içami Tiba	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	11:30; 22:30 - racionalidade	o homem como centro da razão, a mulher como infantil, irracional; o homo economicus (ii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	23:00 - “você pode ser fraco, pode ser gordo...” 1:08:00 - “eu acho o corpo do cara foda, vc que é mulher não vai achar?”	corpo e discurso (iii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	34:00 - quantidade de parceiros	VSM - Valor Sexual de Mercado (iii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	27:00 - idade	VSM - Valor Sexual de Mercado (iii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	58:00 - homens pelos homens, fraternidade	diversos	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	39:26 - biologia 42:35 -	tentativa de validação da redpill	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34

do relacionamento	<p>“programação interna”</p> <p>31:25 - biologia</p> <p>13:38 - “a mulher naturalmente é um sexo mais manipulador que o homem”</p>	enquanto teoria científica; (i)		5twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	<p>44:30 - toda mulher faz algum draminha;</p> <p>43:40 - “mulher masculinizada, do ponto de vista comportamental”</p> <p>35:00 - o que a mulher quer num cara - mulher não foi programada para sair dando dessa forma;</p> <p>16:30 - homem investe mais no relacionamento;</p> <p>21:00 - dinâmica de poder do relacionamento;</p> <p>12:30 - mulher trai mais;</p> <p>39:00 - traição;</p> <p>2:02:00 - Campari "a mulher tem muito essa coisa de querer moldar o cara, tentar colocar o cara debaixo dela"</p> <p>1:01:35 - “não que o cara não possa ajudar, se</p>	Comportamento feminino e masculino (i) e (iii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34

	ele tá disponível, 'deixa eu dar um tapa na louça aqui'"			
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	25:50 - dinâmica da relação; 1:09:00 - olha o que a mulher faz, não o que ela fala; 46:00 - "o cara investe cada vez mais e tem cada vez menos sexo [...] pra conseguir dar uma transadinha tem que comprar um carro pra mulher"; 1:46:00 - "o relacionamento pra mulher é um estilo de vida e pro homem é um trabalho"	(iii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	51:50 - "desperto"	Repetição léxico-semântica; (v)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	59:00 - "sou contra o cara se abster de ficar com mulheres"	relação Red Pill X incel, materialidades do discurso	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	1:03:00 - "conteúdo Red nesse nível"; 56:54 - "red boa" "red certa" 21:30 - "conteúdo red da forma correta"	Repetição léxico-semântica (vii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34

Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	17:45 filtros pra escolher mulher 2:15:00 filtro novamente	Repetição léxico-semântica (vi)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	2:11:29 - “se ela tiver um lado afetivo foda, se ela tiver um lado de cura, um lado de afeto foda assim de forma feminina”	mulher no trabalho de cuidado; (i) e (iii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	2:04:00 - “eu curto cigarro, eu curto fazer foto fumando”	discurso imagético (iii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	1:38:00 - Red Pill e frustração masculina - “como se fosse um feminismo para mulheres muito frustradas”	tentativa de validação da redpill enquanto teoria científica	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	1:19:24 - “acho que as mulheres que não me entendem, acho que elas que deveriam fazer terapia”; 1:18:23 - “se alguma coisa na minha mensagem te incomodou, o problema não tá comigo, provavelmente tá com você”	Comportamento feminino e masculino; racionalidade (i) e (iii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	1:35:00 - “você não tem o game”	Repetição léxico-semântica (v)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34

Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	1:01:00 - “levar isso aí como se fosse um game”	Repetição léxico-semântica (v)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34
Buteco Podcast #092 Os perigos do relacionamento	2:23:00 - “Levar relacionamento quase como um negócio”	(ii)	2023	https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34

Fonte: Arquivo pessoal, criado pela autora.

Como se pode observar a partir da tabela, não se trata de isolar os enunciados, pois, apesar da categorização, que ajuda a direcionar a análise, o funcionamento é sempre compósito. Vejamos a primeira regularidade:

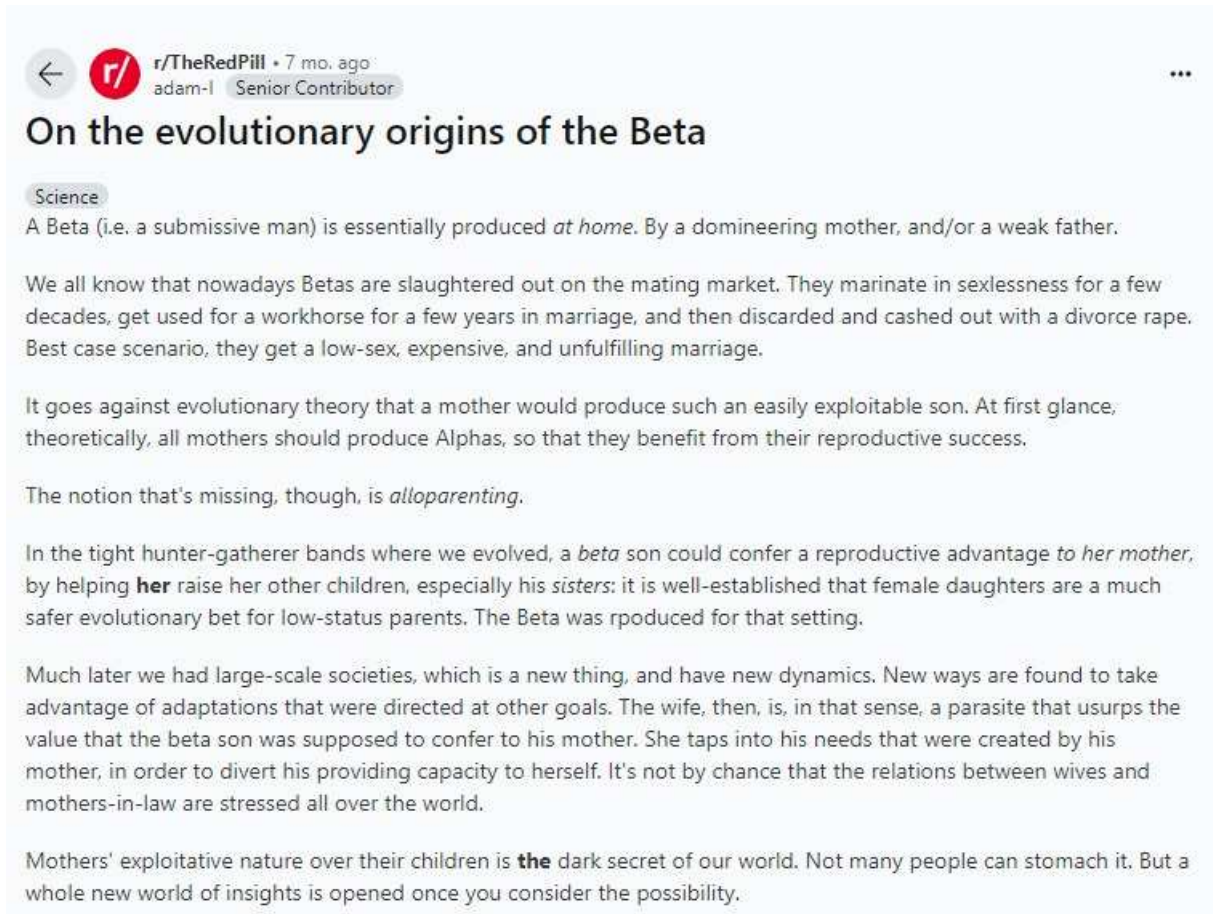
4.1 OS DISCURSOS DE NATUREZA, DE GÊNERO E DE RAÇA

A estratégia do discurso Red Pill retoma em diversos momentos um jogo de memórias e práticas que remetem à natureza humana para explicar e justificar não apenas diferenças físicas, mas também comportamentais entre os sexos feminino e masculino, atribuindo comportamentos a uma certa “programação interna de fábrica” (Buteco Podcast, jan/2023, aos 42:35), como afirma Thiago Schutz. A circulação desse tipo de discurso na *machosfera* passa por uma regulação do sujeito que opera, justamente, na construção de um olhar sobre o feminino (que é, também, discurso) e, principalmente, na construção de uma masculinidade do “macho” ideal. No que tange ao digital, essa estratégia parece se materializar no formato de verbetes, como se fosse uma Wikipedia alimentável por todos os “machos”, uma espécie de dicionário on-line que não demanda uma relação científica com o verdadeiro e/ou o falso, e funciona de modo amplamente relacional (linkável). Essa materialização parece sustentar – ou mesmo solicitar, como uma injunção do formato maquínico – uma modalidade de autoria, que, como se verá, pauta-se menos em saberes instituídos e mais numa política de produção de inimigos.

Além dessas restrições maquínicas, o discurso, então, regula o comportamento do “macho”, o que se vê não apenas em figuras públicas, como o Calvo do Campari, mas também em membros anônimos do R/TheRedPill e de outros fóruns, que compartilham experiências pessoais em que se torna tangível aquilo que é posto no discurso. O “macho”

ideal seria, assim, aquele que está “desperto” para a realidade, reconhecendo seu papel, fundamentalmente biologicamente designado, de líder, de dominador, e, principalmente, de oposição ao feminino. O homem que não se enquadra nesses parâmetros é o que, no discurso Red Pill, chama-se de Beta. Para o comportamento do Beta, também se busca justificativa no discurso biodeterminista:

Figura 7 – Captura de tela do fórum R/TheRedPill (On the evolutionary origins of the Beta)³⁵




³⁵ “**Sobre as origens evolutivas dos Beta.** Um Beta (isto é, um homem submisso) é essencialmente produzido em *casa*. Por uma mãe dominadora e/ou um pai fraco. Todos sabemos que hoje em dia os Betas são massacrados no mercado de relacionamentos. Eles marinam na falta de sexo por décadas, são usados como burro de carga por alguns anos num casamento e depois descartados e descontados com um ‘estupro de divórcio’. No melhor cenário, conseguem um casamento com pouco sexo, caro e insatisfatório./ Vai contra a teoria evolutiva uma mãe produzir um filho tão facilmente explorável. À primeira vista, teoricamente, todas as mães deveriam produzir Alfas, para que eles se beneficiassem do sucesso reprodutivo./ A noção que está faltando, porém, é a *aloparentalidade*./ Nos pequenos grupos de caçadores em que evoluímos, um filho beta poderia gerar uma vantagem para a mãe, ajudando **ela** a criar seus outros filhos, especialmente suas irmãs: é bem estabelecido que filhas mulheres são uma aposta evolutiva mais segura para pais de baixo status. O Beta foi reproduzido para esse cenário./ Mais tarde nós tivemos sociedades de larga escala, que é uma coisa nova, com novas dinâmicas. Novos jeitos são encontrados para tirar vantagem das adaptações que eram direcionadas a outros fins. A esposa, então, é, nesse sentido, um parasita que usurpa o valor que o filho beta deveria conferir à mãe. Ela cobre suas necessidades criadas pela mãe, com o objetivo de desviar sua capacidade de provimento para ela mesma. Não é por acaso que relações entre esposas e sogras são estressantes em todo o mundo./ A natureza exploradora das mães sobre suas crianças é o segredo obscuro do nosso mundo. Poucas pessoas têm estômago para isso. Mas, todo um novo mundo de conhecimentos se abre quando você considera essa possibilidade.” (tradução própria).

“Um Beta (isto é, um homem submisso) é essencialmente produzido em *casa*. Por uma mãe dominadora e/ou um pai fraco” (tradução própria, grifo do autor), ou seja, não apenas se propõe justificativas biológicas para a existência de homens desviantes do ideal “macho”, mas também justificativas relacionadas ao comportamento feminino direcionado àquele homem, aqui mais especificamente materno, além, é claro, de associar os Betas a uma existência dominó – se o pai é “fraco” (Beta) no ambiente doméstico, o filho tem grandes chances de se tornar um Beta.

Em contrapartida, há a visão construída pelo discurso Red Pill acerca do feminino. Sendo o “macho” a oposição ao feminino, o feminino é tudo aquilo que é frágil, que é da ordem do sentimento, do subjetivo, do irracional. Assim, reafirma-se, através do discurso, uma perspectiva em que o homem, aqui “macho”, é responsável por domar, controlar e disciplinar a mulher:

Figura 8 – Captura de tela do fórum R/TheRedPill (Women are Children)³⁶

Posted by Mod u/redpillschool 7 years ago 

934 Women are Children.

Red Pill Theory

Somebody asked me the other day why women shit-test in relationships, and why they push so much to turn men into betas.

My response was this: Women are children. They seek out boundaries. They require the men in their lives to define and enforce these boundaries. And just like children, if women are not given boundaries, they will occupy the space they are given and become terrible, unruly brats.

Which brings us to my post today, my periodic recap of women being children:

Women are children. How could we ever see them otherwise?

Women live the most protected, sheltered lives. They are safe from almost all danger- war, crime, and violence. They are safe from almost all consequences, receiving fewer if any punishments for crimes ([r/pussypass](#)). When a woman makes a mistake, society bends to absolve her and protect her from these consequences. Even the most life-altering events (having a child) puts little to no actual burden on a woman. She is free to do as she pleases, completely oblivious to the world around her that makes her comfortable life possible.

This means that they cannot possibly understand the nature of the world, and therefore cannot possibly make adult decisions within it.

Fonte: Arquivo pessoal

Da postagem acima, destacam-se os trechos: “Mulheres são **crianças**. Elas buscam por limites. Elas exigem que os homens em suas vidas definam e reforcem esses limites. E assim como crianças, se as mulheres não recebem limites, elas irão ocupar o espaço dado a elas e se tornar terríveis pirralhas **indisciplinadas**.” (tradução própria, grifos próprios); “Isso significa que elas não são capazes de entender a natureza do mundo, e, portanto, não são capazes de

³⁶ “**Mulheres são Crianças**. Alguém me perguntou outro dia por que mulheres fazem shit-test em relacionamentos e por que elas forçam tanto os homens para se tornarem betas./ Minha resposta foi: Mulheres são crianças. Elas buscam por limites. Elas exigem que os homens em suas vidas definam e reforcem esses limites. E assim como crianças, se as mulheres não recebem limites, elas irão ocupar o espaço dado a elas e se tornar terríveis pirralhas indisciplinadas./ O que nos traz à minha publicação de hoje, minha recapitulação periódica de mulheres sendo crianças:/ **Mulheres são crianças. Como poderíamos sequer vê-las de outra forma?** Mulheres vivem as vidas mais protegidas e seguras. Elas estão seguras de quase todos os perigos – guerras, crime e violência. Elas estão seguras de quase todas as consequências, recebendo menores ou nenhuma punição para crimes ([r/pussypass](#)). Quando uma mulher comete um erro, a sociedade tende a absolvê-la e protegê-la das consequências. Mesmo os eventos mais impactantes na vida (ter um filho) colocam pouco ou nenhum fardo em uma mulher. Ela é livre para fazer como a agrada, completamente alheia ao mundo ao seu redor e que torna sua vida confortável possível./ Isso significa que elas não são capazes de entender a natureza do mundo, e, portanto, não são capazes de tomar decisões adultas dentro dele.” (tradução própria)

tomar decisões adultas dentro dele” (tradução própria). Aqui, a comparação explícita do feminino ao infantil é responsável pela associação da figura feminina ao irracional, àquilo que deve, mais uma vez, ser disciplinado e controlado.

O discurso Red Pill também determina um comportamento esperado da mulher no ambiente doméstico e no relacionamento, reforçando discursos que perpetuam o trabalho de cuidado e o trabalho doméstico como funções exclusivamente femininas, como se vê nas falas de Thiago Schutz: “não que o cara não possa ajudar, se ele tá disponível, ‘deixa eu dar um tapa na louça aqui’” (Buteco Podcast, jan/2023, aos 1:01:35); “se ela tiver um lado afetivo foda, se ela tiver um lado de cura, um lado de afeto foda assim de forma feminina” (Buteco Podcast, jan/2023, aos 2:11:29). Observe-se que, apesar de não rejeitar uma participação masculina nas tarefas domésticas, o discurso destina ao homem o serviço como uma colaboração quase heróica, que não ocupa lugar de obrigação, mas sim de favor, utilizando termos como “ajuda” e “dar um tapa” ao falar das atribuições domésticas.

Ainda sobre a delimitação do sujeito “mulher” a partir do discurso Red Pill, tem-se a associação da mulher à traição, como se verá em (iii), e a uma certa busca por parceiros guiada por interesses materiais/financeiros, também a partir de justificativas que perpassam discursos da natureza, da determinação biológica, afirmando que a mulher teria uma tendência natural à hipergamia, um “instinto hipergâmico” e, claro, sempre traçando formações discursivas que associam tais justificativas à ciência, atribuindo certo valor de verdade. Thiago Schutz, em sua participação no Buteco Podcast, também reforça a natureza biológica do comportamento atribuído ao feminino ao dizer que “a mulher naturalmente é um sexo mais manipulador que o homem” (Buteco Podcast, jan/2023, aos 13:38), além de traçar a mesma relação entre o feminino e o infantil, irracional, quando diz que “toda mulher faz algum draminha” (Buteco Podcast, jan/2023, aos 44:30).

Cabe aqui um parêntese para pensarmos no Buteco: desde a nomeação, o podcast aparece como um espaço de convivência a ser retomado, uma memória de certa intimidade “masculina”. É interessante notar que, assim como se produz em espaços on-line da machosfera, Thiago transita numa topologia, também digital, de podcasts, tais como o próprio Buteco, que se marcam pela relação com espaços em que se pode projetar a utopia do “macho” – espaços esses que já nos são comuns em planos além do digital, não à toa o crescente número de barbearias que associam aos seus serviços/espaços a oferta de bebidas ou de entretenimentos socialmente associados ao comportamento masculino, como sinuca e video games, as chamadas “barber shops”. Assim, na topologia dos espaços masculinos, o que parece ter ocorrido é um processo de substituição – que se dá também por transformações

discursivas –, ou seja, os podcasts e fóruns, demonstrando também a influência do digital no contemporâneo, tomam a dimensão do que eram os botecos, as bacias, toalhas quentes e navalhas ficam para trás, mas dão espaço aos cortes em degradê, e o entretenimento antes fornecido aos “machos” pelos charutos e revistas Playboy (Preciado, 2020), agora se dá por videogames e – por que não? –, um Campari.

Figura 9 - Buteco Podcast (Cenário)



Fonte: Buteco Podcast, jan/2023

Nessa topologia, o que se pode apontar é algo como uma transposição de espaços concernentes à *machosfera*, uma heterotopia, que mescla espaços do digital e do não digital e que, conforme Foucault, em geral, “tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (Foucault, [1926-1984] 2013, p. 24), aqui exemplificando-se pelo podcast atravessado pela memória do “buteco”, que remete, no imaginário coletivo, a esses pequenos bares em que concentram-se homens, também “machos” em alguma medida, mesmo que à moda antiga.

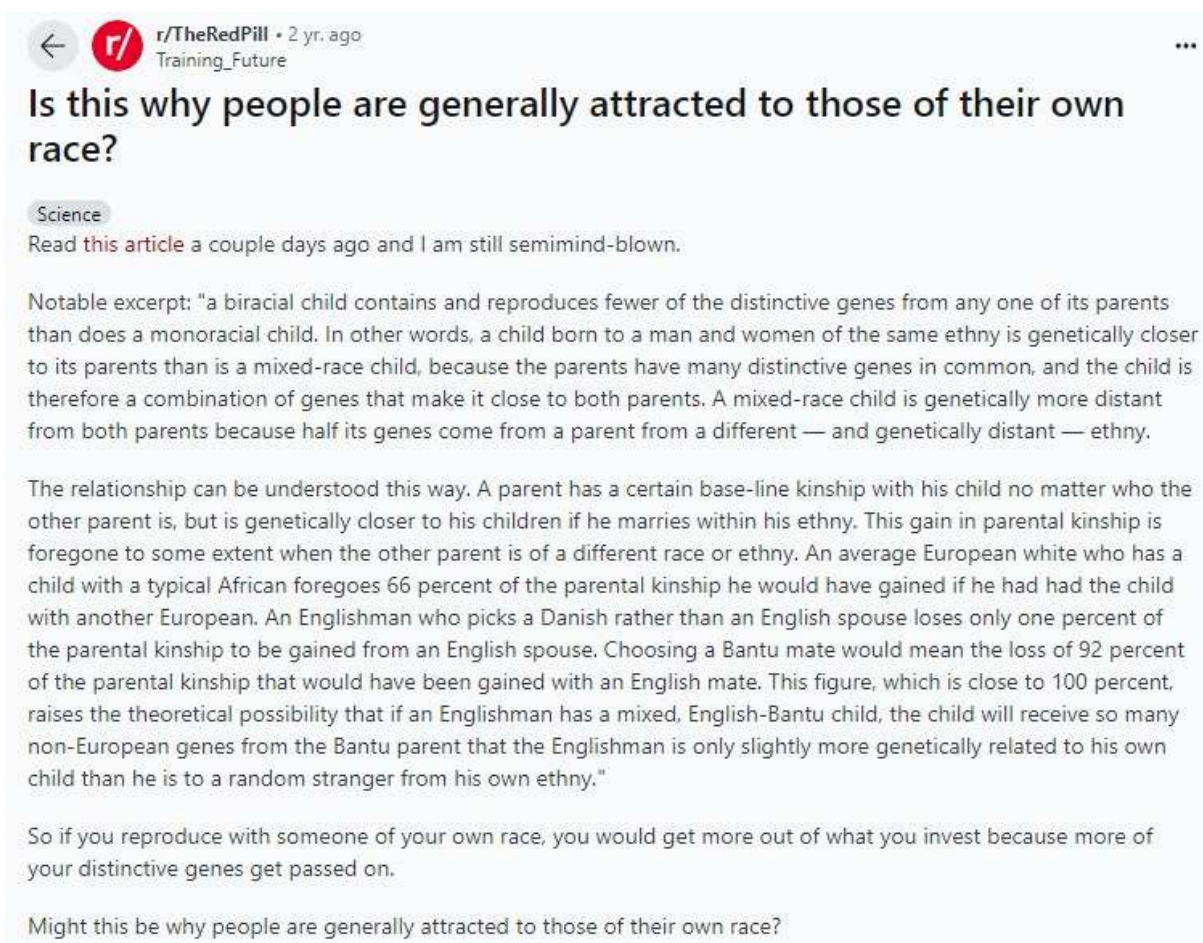
Ainda olhando para o Buteco enquanto heterotopia, são notáveis também as características de um discurso imagético condizente com essa transposição de espaços. Isso pode ser visto nos tons sóbrios do cenário, majoritariamente em tons de preto e madeira, nas garrafas de cerveja e de outras bebidas alcoólicas dispostas ao fundo do cenário, assim como quadros decorativos também remetendo a bebidas, um balde de gelo, entre outros. Tudo isso contrapõe-se a uma prática muito mais ortodoxa, característica do ambiente do podcast, que,

empresa que é e instaurado na plataforma em que está (YouTube), exige um outro portar-se, passando pelo lugar do “incompatível”, se comparado ao nome e ao cenário, visto que, na mesa, podem ser vistas canecas comuns, copos e uma jarra com água.

É preciso observar que essa compreensão, deste e de outros podcasts e fóruns como heterotopias no digital também tem relação com o não-humano. Assim, a agência dos não-humanos na *machosfera* passa pelo conceito de interface, construindo ambientes digitais heterotópicos, interativos, clicáveis e linkáveis, como o fórum R/TheRedPill, e influenciando gradativamente em suas ações, dentro, a partir de links, hashtags, publicidades etc, e fora, a partir de outros ambientes acessíveis nessa heterotopia, do digital. A máquina, então, torna-se também (re)produtora do discurso e, nesse caso, agente construtor de masculinidades.

Todo o discurso Red Pill é centrado no gênero, ainda que por uma perspectiva completamente binária. Mas, entrelaçado ao discurso de gênero binário que orienta a (pseudo)teoria Red Pill, há um emaranhado de outros discursos tão antigos quanto, ou até mais, que o próprio discurso de gênero. A aproximação clara com o discurso eugenista, por exemplo, é uma característica marcante do discurso Red Pill – que se alinha ao que veremos na regularidade (iii), quanto à biopolítica:

Figura 10 – Captura de tela do fórum R/TheRedPill (Is this why people are generally attracted to those of their own race?)³⁷



Fonte: Training_Future, R/TheRedPill, 2022.

³⁷ “É por isso que pessoas geralmente são atraídas por aqueles da sua mesma raça? Li esse artigo alguns dias atrás e ainda estou com minha mente ‘semi-explodida’./ Trecho notável: ‘Uma criança biracial tem e reproduz menos genes distintos de qualquer dos pais do que uma criança monoracial. Em outras palavras, uma criança nascida de um pai e uma mãe de mesma etnia é geneticamente mais próxima de seus pais do que uma criança mestiça, porque os pais têm muitos genes distintos em comum, e a criança é uma combinação dos genes que a tornam próxima de ambos os pais. Uma criança mestiça é geneticamente mais distante dos dois pais, porque metade dos genes vem de um genitor de uma diferente – e geneticamente distante – etnia./ A relação pode ser entendida dessa forma. Um genitor tem um parentesco básico com seu filho, não importando quem o outro genitor é, mas é geneticamente mais próximo de seu filho se ele se casar dentro de sua etnia. Esse ganho na relação de parentesco é abandonado em certa extensão quando o outro genitor é de uma raça ou etnia diferente. Um europeu branco médio que tem um filho com um típico africano abandona 66 por cento da relação de parentesco que teria ganhado se tivesse o filho com outro europeu. Um homem inglês que escolhe uma esposa dinamarquesa em vez de uma inglesa perde apenas 1 por cento do parentesco que ganharia com uma esposa inglesa. Escolher um parceiro Bantu significaria a perda de 92 por cento do parentesco que seria ganho com um parceiro inglês. Esse cenário, próximo dos 100 por cento, levanta a possibilidade teórica de que se um homem inglês tiver um filho mestiço, Inglês-Bantu, a criança irá receber tantos genes não-europeus do genitor Bantu que o inglês será apenas levemente mais próximo geneticamente de seu próprio filho do que ele é de um estranho de sua mesma etnia.’/ Então, se você se reproduzir com alguém da sua própria raça, você vai tirar mais do que você investiu nisso, porque mais dos seus genes distintos serão passados adiante. Isso pode ser o motivo de as pessoas geralmente se atraírem mais por aqueles de sua própria raça?” (tradução própria)

“É por isso que pessoas geralmente são atraídas por aqueles da sua mesma raça?” (tradução própria), assim o autor inicia a publicação acima, em que, logo em seguida, faz a seguinte afirmação: “Uma criança mestiça é geneticamente mais distante dos dois pais, porque metade dos genes vem de um genitor de uma diferente – e geneticamente distante – etnia” (tradução própria), apelando para um discurso que instiga o questionamento sobre laços sanguíneos e familiares, mas que converge, sempre, no discurso eugenista. Isso fica claro, ainda, nos trechos finais da publicação: “Então, se você se reproduzir com alguém da sua própria raça, você vai tirar mais do que você investiu nisso, porque mais dos seus genes distintos serão passados adiante” (tradução própria), o que, por fim, não apenas busca justificar um posicionamento racista do “macho”, como também incentivá-lo a isso.

Como afirma Hillesheim:

A eugenia é imanente à política do Estado no que diz respeito à formação do corpo-espécie da população nacional. [...] Induzir casamentos e uniões eugênicas, educar para uma boa prole e futuro da humanidade eram ações que o Estado deveria gestar. (Hillesheim, 2009, p. 419)

E, ainda:

Se a eugenia que emergiu do processo de formação do Estado-nação moderno como uma biopolítica implicada na construção do corpo-espécie das populações nacionais não se faz visível hoje, não se pode desconsiderar, no entanto, que muitos de seus objetivos ainda estão presentes nas utopias da construção de um futuro super-homem. (Hillesheim, 2009, p. 420)

É, então, também na construção desse futuro super-homem que reside a relevância da ascensão do discurso Red Pill, a nível nacional e global, visto que a retomada desses discursos, tão deliberadamente favoráveis ao controle do Estado sobre os sujeitos e seus corpos, contribui para a construção de um senso comum alinhado aos interesses dominantes e, por consequência, em desfavor justamente daqueles que estão a (re)construir e disseminar esses discursos.

Alinhado a essa perspectiva eugenista que se reflete na busca por parceiros sexuais com uma “genética similar”, outro aspecto importante a se avaliar no discurso Red Pill é o discurso da atração. Evidentemente, por se tratar de uma (pseudo)teoria sobre relacionamentos, cujo discurso inclui diversas descrições de táticas de sedução, técnicas para conduzir relacionamentos e para lidar com o feminino, o discurso Red Pill aborda muito a questão da atração. Essa abordagem vem, principalmente, sob uma perspectiva

mercadológica, como se verá em (iii), mas também pela perspectiva do discurso do determinismo biológico.

Lemos em outra publicação: “Especificamente, comparado aos homens, mulheres buscam relacionamentos comprometidos, menos parceiros sexuais, e relação sexual tardia” (tradução própria), atribuindo, então, à mulher uma busca por uma vida sexual mais contida, atrelada sempre a um relacionamento conjugal, perpetuando um ideal de mulher que “naturalmente” não tem uma vida sexual tão ativa quanto um homem. Isso é reforçado, também, posteriormente, quando o autor relata que, em mulheres, “O número de parceiros sexuais diminui quanto maior a atratividade física” (tradução própria), e, ainda, que “o número de parceiros sexuais também diminui com o IMC: mulheres magras relatam menos parceiros sexuais” (tradução própria).

Assim, o discurso reforça padrões estéticos voltados à magreza para mulheres, associando o peso à quantidade de parceiros sexuais que terá e, conseqüentemente, partindo da lógica construída pelo próprio discurso, ao seu valor enquanto alvo de atração do “macho”. Em contrapartida, para o “macho”, o discurso reforça o comportamento de “pegador”, validando uma busca por uma grande quantidade de parceiras sexuais e justificando, novamente, esse comportamento com argumentos relativos à natureza humana. Veja-se o dito na continuidade da publicação: “Para homens, o número de parceiras sexual aumenta quanto maior a atratividade física” (tradução própria); “Homens idealmente buscam várias parceiras sexuais, preferem relacionamentos casuais e preferem ter sexo com novas parceiras rapidamente” (tradução própria).

Essa associação do homem a uma maior atividade sexual, ainda atravessada por uma justificativa com viés biológico, pode ser vista também no discurso do Calvo do Campari:

Do ponto de vista, assim, biológico, a gente tá mais feito pro sexo do que a mulher. A gente pode engravidar uma mulher por dia, se quiser. [...] Então, assim, a nossa função sexual e biológica é diferente, não adianta. A gente pensa diferente, age diferente, hormônio diferente, é diferente. (Buteco Podcast, jan/2023, aos 39:26)

Observados esses pontos, partimos, daqui em diante, para a segunda regularidade observada.

4.2 A PRODUÇÃO DO *HOMO OECONOMICUS*: LIBERDADE E RELIGIÃO

O *homo oeconomicus* (Foucault, 1978-1979) é o sujeito espelho do neoliberalismo e da própria governamentalidade contemporânea. É uma invenção do liberalismo, na medida em que coloca a produção no sujeito como prática de cálculo, de liberdade e de funcionamento como empresa. Como descrevi anteriormente, atualmente também com traços de uma governamentalidade algorítmica, no plano dos discursos digitais. É o empreendedor, o “homem econômico”, como o nome sugere, que se guia pela lógica e pela razão, operando decisões e comportamentos no plano material, mercadológico, tangível, mas, ao mesmo tempo, é o perfeito sujeito governável, pois segue, justamente, a lógica do mercado, da economia. O “macho” *redpilado* é essencialmente também um *homo oeconomicus*, visto que o discurso Red Pill é atravessado por uma forte lógica mercadológica e pela ideia da racionalidade como ponto central do masculino.

Em consonância com essa estratégia do discurso neoliberal, que também atravessa o discurso Red Pill, o *homo oeconomicus* valoriza uma certa liberdade, abstrata, que aqui, no “macho”, se observa como constantemente ameaçada pelo feminino. Ainda, importa dizer que a construção do discurso Red Pill passa também pela moralidade religiosa, apesar de, hoje, ao menos no discurso do Calvo do Campari, se fazer presente de maneira muito mais discreta do que se pode encontrar no fórum R/TheRedPill, por exemplo. São, portanto, esses atravessamentos que iremos observar nesta regularidade discursiva.

O aspecto mercadológico do discurso Red Pill fica explicitado logo que se acessa o fórum R/TheRedPill, visto que na própria Sidebar, listado dentre os conteúdos importantes para novos membros, há uma *thread* chamada “The Red Pill Finance Thread”, que trata justamente de estratégias para manter um bom status financeiro:

Figura 11 – Captura de tela do fórum R/TheRedPill (The Red Pill Finance – redux)³⁸



Fonte: Arquivo pessoal

Thiago Schutz, o Calvo do Campari, por sua vez, traz esse aspecto mercadológico do discurso Red Pill quando aborda o VSM (valor sexual de mercado). O Valor Sexual de Mercado é uma métrica de atração física e sexual em geral, atribuída a uma pessoa a partir de atributos considerados bons ou ruins conforme o discurso Red Pill e que variam de acordo com o gênero (binário). Assim, normalmente mulheres com mais de trinta anos, com filhos ou divorciadas, por exemplo, possuem um VSM mais baixo, enquanto homens com estabilidade financeira ou com hábitos de exercícios físicos alcançam um VSM mais alto. Além disso, também demonstra esse aspecto ao relacionar a administração de relações a uma perspectiva comercial, a exemplo da fala em que pontua que é necessário “levar o relacionamento quase como um negócio” (Buteco Podcast, jan/2023, aos 2:23:00).

Quanto ao aspecto religioso do discurso Red Pill, é possível encontrar abordagens distintas dentre os membros das comunidades macho-centradas. Atualmente, sob ótica pessoal, é possível dizer que se deixa um espaço de certa flexibilidade quanto à religiosidade dentro dessas comunidades, assumindo que nem todos os membros sigam uma mesma religião. Assim, essa flexibilidade pode, inclusive, ser vista como uma forma de alcançar um público mais abrangente, mas, ainda assim, a moralidade religiosa está muito presente no discurso Red Pill e os preceitos do cristianismo são predominantes nos relatos e publicações. É possível observar isso, por exemplo, na publicação abaixo, em que ao mesmo tempo que o autor declara não acreditar na passagem bíblica que se refere à criação de Eva a partir da costela de Adão, ainda reforça que o livro de Genesis possa ser “a coisa mais próxima de um

³⁸ “A ‘Thread’ Financeira da Red Pill - redux./ Introdução: Alguns podem estar imaginando como isso se aplica à comunidade. Minha resposta a isso é considerar caras como Hugh Hefner e Gianluca Vacchi. Eles construíram impérios para eles mesmos, que criaram estilos de vida que a maioria dos caras pode apenas sonhar em ter. Sim, mulheres acham homens poderosos atraentes, mas isso é mais um efeito colateral de ter um estilo de vida matador, e a riqueza que desbloqueia isso.” (tradução própria)

manual de instruções que temos” (tradução própria), questionando, inclusive, mais adiante, “devemos devolver as Evas com defeito ao fabricante, ou o que?” (tradução própria), o que, além de explicitar a crença da existência de mulheres “com defeito”, deixa implícito no discurso um desejo de anulação de (ao menos algumas) mulheres.

Retomando a publicação intitulada *Women are Children*, observada na regularidade (i), agora sob a ótica da racionalidade como um dos elementos primordiais do discurso Red Pill, vemos novamente um discurso de invalidação do feminino, nesse caso, da capacidade de raciocínio da mulher:

Como vocês podem ver o que essas mulheres estão falando e levar isso a sério? Como poderia qualquer mulher em algum momento ser levada a sério sabendo o que nós sabemos?[...] Por que nós, como sociedade, não rimos coletivamente das maquinações de uma criança crescadinha? (tradução própria)

Aqui, novamente o discurso coloca a mulher em posição de incredibilidade, agora justamente por considerar a mulher incapaz de atingir a racionalidade que se espera do “macho”. Thiago Schutz também traz esse discurso consigo, colocando a racionalidade como padrão do masculino, do “macho” – categoria em que ele mesmo se insere (“a gente”), e, paralelamente, a emoção como padrão do feminino: "a gente trabalha muito de forma racional, para resolver coisas básicas da vida, e a mulher, velho, ela sempre precisa ter, de alguma forma, em algum momento, algum pico de emoção" (Buteco Podcast, jan/2023, aos 11:30).

Ainda sobre a racionalidade enquanto pilar do “macho”, do homem *redpilado*, a construção de uma visão acerca do feminino que institui a incapacidade da mulher de agir pela razão também implica dizer que, ao se relacionar com uma mulher, o “macho” tem seu status de sujeito racional ameaçado. Coloca-se, então, a mulher como empecilho para a expressão da masculinidade “ideal” do “macho”:

Ele achou que 'cara, agora eu vou só sair com essa mina, eu não quero conhecer nenhuma outra', ele acaba em algum momento ficando mais emocional do que essa mulher, entendeu? Ele vai perdendo um pouco da racionalidade dele e vai ficando um pouco mais emocional. (Buteco Podcast, jan/2023, aos 22:36)

Por fim, já com o apoio do que já está construído no discurso até tal momento, Thiago Schutz ainda retorna, de maneira menos explícita, a essa noção da mulher como insensata, incapaz de compreensão lógica, racional, reforçando também uma unidade masculina que é capaz de compreender seu discurso e, portanto, também delimitando, por meio do próprio

discurso, seu público alvo: “acho que as mulheres que não me entendem, acho que elas que deveriam fazer terapia” (Buteco Podcast, jan/2023, aos 1:19:24).

4.3 OS DISCURSOS DA MORALIDADE DO CORPO E A TECNOBIOPOLÍTICA

Os discursos atravessam o comportamento, a performatividade e a corporalidade. Discurso e matéria, discurso e corpo, caminham aqui indissociáveis, tendo em vista que:

O corpo é, em muitas disciplinas, tomado como biológico, natural, segmentável, controlável e transparente, mas, na perspectiva discursiva, ele se desloca para o lugar da opacidade, revelando-se como forma material que se constitui no-pelo olhar que o discurso possibilita. (Hashiguti, 2009, p. 2)

Todos os aspectos que observamos até agora nas outras regularidades discursivas analisadas se colocam aqui em matéria através do corpo dos sujeitos do discurso Red Pill, da semiótica e da tecnobiopolítica. O discurso do/no corpo aparece anterior ao discurso dito, tem relação com aquilo que é mostrado e quer ser visto, e se constrói na intencionalidade daquilo que se almeja transmitir ao outro:

Na inter-relação pessoal entre sujeitos, a identificação social é um processo que se relaciona à sua condição corpórea, ao fato de que ele é sujeito de-em uma corporalidade e que essa corporalidade é apreendida pelo olhar mesmo antes que ele fale. Essa anterioridade da materialidade corpórea determina direções de sentidos, pois o olhar é sempre olhar pelo discurso. (Hashiguti, 2009, p. 2)

A corporalidade faz parte também da construção da masculinidade do “macho”. Há um comportamento e uma figura esperados do “macho” *redpilado*, assim como expõe Thiago Schutz: “Você pode ser fraco, viu? Se aceite como você é, você pode ser gordo, você pode ser feio, pode ser fraco, pode chorar onde você quiser, mas deixa o cara mais frouxo, entendeu?” (Buteco Podcast, jan/2023, aos 23:00). Assim, é possível encontrar enunciados sobre corpo com bastante facilidade dentro do discurso Red Pill, corpos femininos e masculinos, sejam esses enunciados sobre aspectos visuais do corpo, como peso, altura, modificações, sejam sobre o uso do corpo e a moralidade que recai sobre ele, como tratando da quantidade de parceiros sexuais.

Em muitas publicações, retoma-se a questão do peso, agora com uma abordagem imperativa: “Não coma menos, coma nada. É chamado jejum intermitente. É o que os humanos evoluíram para fazer” (tradução própria):

Figura 12 – Captura de tela de site linkado ao fórum R/TheRedPill (This Article will Infuriate You – parte 2)³⁹

Fat people are not fat because they are weak, they are fat because they took advice that couldn't have been any worse if it was actually designed to kill them.

Does that remind you of anything? Perhaps it reminds you a bit of how your society told you to act to attract women... not only wrong, but the exact opposite of right.

"So what should fat people do?"

Don't eat less, eat nothing. It's called intermittent fasting. It's what humans evolved to do.

Fonte: *Whisper, Trp.Red, 02/05/2021.*

Fica clara aqui uma retomada da estratégia discursiva de validação do discurso por meio da associação com o natural, com o biológico, a partir do conceito de evolução. Além disso, mostra-se um pouco da forma como o discurso opera na construção de um senso de necessidade de alteração do corpo, interferindo nas decisões dos sujeitos desses discursos sobre si mesmos, fazendo com que busquem adequar o corpo ao discurso.

A moralidade do corpo aparece aqui, também, principalmente voltada ao corpo feminino e no que diz respeito ao VSM – Valor Sexual de Mercado. O conceito de *body count* (contagem de corpos, conceito aplicado para se referir à quantidade de parceiros sexuais que alguém já teve) é muito utilizado como régua no discurso Red Pill quando se fala em Valor Sexual de Mercado, na modalidade da empresa de si. A respeito disso, Thiago Schutz afirma:

Imagina se todas as mulheres andassem com um número na testa, pra quantos caras elas já deram. É só ver se ela ia estar casada ou não. É só ver qual cara ia chegar nela pra casar ou não. Eu duvido, velho, que o cara ia olhar pra uma mina que tivesse, sei lá, 150 na testa, o cara 'achei a mina da minha vida', isso nunca ia acontecer. (Buteco Podcast, jan/2023, aos 34:00)

Assim, vê-se que, no discurso Red Pill, o valor atribuído à mulher está diretamente relacionado ao uso que ela faz de seu próprio corpo, principalmente ao uso sexual. Despe-se a mulher de sua autonomia e resume-se seu caráter ao comportamento sexual esperado a partir de determinado discurso. Thiago Schutz comenta, também, a respeito de relacionamentos, que “o cara investe cada vez mais e tem cada vez menos sexo [...] pra conseguir dar uma transadinha tem que comprar um carro pra mulher” (Buteco Podcast, jan/2023, aos 46:00), o que novamente atribui à mulher um valor primordialmente vinculado ao sexo, mesmo quando

³⁹ “Pessoas gordas não são gordas porque são fracas, são gordas porque seguiram conselhos que só poderiam ser piores se fossem pensados para matá-las. Isso lembra você de alguma coisa? Talvez te lembre um pouco como nossa sociedade te ensinou a agir para atrair mulheres... não apenas errado, mas exatamente o oposto do certo./ ‘Então o que pessoas gordas deveriam fazer?’/ Não coma menos, coma nada. É chamado jejum intermitente. É o que os humanos evoluíram para fazer.” (tradução própria)

em uma relação já melhor estabelecida, teoricamente estável, além, é claro, de retomar a ideia da mulher como interesseira, como vimos em (ii).

O discurso que vincula a figura feminina e sua liberdade sexual à promiscuidade também se faz presente no fórum R/TheRedPill, novamente atribuindo à mulher a característica inata de infiel, também:

Figura 13 – Captura de tela do fórum R/TheRedPill (In case you need to be reminded on why you shouldn't commit to a promiscuous woman)⁴⁰



Fonte: MerryVegetableGarden, R/TheRedPill, 2020.

Cabe aqui, também, em complemento à análise das regularidades discursivas encontradas nos excertos, uma breve análise que ainda se encaixa nos termos da regularidade (iii), moralidade do corpo e tecnobiopolítica, e que é própria da materialidade do discurso digital: a semiótica da representação da masculinidade no discurso corporal de Thiago Schutz,

⁴⁰ “Caso você precise se lembrar porquê não deve se comprometer com uma mulher promíscua. Como recomendação, estou postando isso aqui. Vou minimizar meus comentários pessoais. Eu compilei e editei esses grãos de ouro, retirados de estudos de visualização por pares, para um formato apresentável e autônomo. Quando pesquisadas, pelo menos um quarto das mulheres *aditem* mentir sobre suas histórias, então essa estimativa é conservadora; algumas mulheres são melhores camaleões que outras, mas seus enganos não invalidam a utilidade dessa informação. Há formas de discernir isso, que eu devo aprofundar depois, mas vamos direto ao ponto: ‘aproximadamente metade das mulheres nos quintis superiores da sociosexualidade foram sexualmente infiéis com um parceiro estável; isso foi um aumento dez vezes maior que o índice correspondente para pessoas nos quintis inferiores.’” (tradução própria)

o Calvo do Campari. A semiótica, ainda mais agora, no plano do digital, é um elemento importante do discurso, como exposto por Lima:

[...] tomo o regime farmacopornográfico do filósofo Paul Preciado (2008) enquanto caracterização de uma sociedade que assinala novas rotas no vir a ser do sujeito ressaltando a tecnologização das relações interpessoais e dos próprios corpos e a tensão entre público e o privado, embaralhando as fronteiras. No regime farmacopornográfico, atuam estratégias biopolíticas sobre os indivíduos especialmente por meio das imagens, pelas próteses tecnológicas de produção e circulação semiótica, técnicas-semióticas, em que produzem ao mesmo tempo sujeito espectadores e performers, e que assim o são devido às plataformas midiáticas e químicas. (Lima, 2022, p. 130)

Assim, ainda partindo da participação de Thiago Schutz no Buteco Podcast, pode-se começar a analisar a corporalidade de seu discurso, a partir de uma breve fala sua que chama a atenção: “eu curto cigarro, eu curto fazer foto fumando” (Buteco Podcast, jan/2023, aos 2:04:00). Essa menção à fotografia, ao registro de um gesto/ato que normalmente seria dispensável de registro, corriqueiro e cotidiano, nos faz pensar na imagem que essa figura deseja atrelar a si mesma. Segundo Pábon:

Toda postagem nas redes sociais digitais atualmente pode conter este tipo de ligações entre técnica, texto e audiovisual, aliás, no Instagram estas interações são alocadas desde uma perspectiva que privilegia o visual, como postagens de vídeos curtos, de slides e de fotografias, ainda que estes se acompanhem de textos curtos ou longos que as descrevem, o que predomina é o material e a interação imagética. (Pabón, 2024, p. 276)

Em particular, registrar em fotografia o ato de fumar pode ser, inclusive, uma forma de reafirmação da masculinidade do “macho”, uma exposição da liberdade do homem, uma maneira de colocar o corpo à mostra numa representação de virilidade.

Ainda, é possível ver em Thiago Schutz uma busca pela formalidade na sua representação estética. O Calvo do Campari está constantemente de terno e camisa social, com um corte de cabelo sempre alinhado, frequentemente utilizando padrões xadrez em suas estampas, com certa postura e mantendo a formalidade no falar e no portar-se. Observemos:

Figura 14 - Thiago Schutz (semiótica 1)



Fonte: Reprodução/Instagram

Figura 15 – Thiago Schutz (Semiótica 2)



Fonte: Reprodução/Terra

Figura 16 – Thiago Schutz (Semiótica 3)



Fonte: Buteco Podcast

Assim, é possível perceber ainda mais nitidamente o atravessamento do discurso no corpo, o discurso materializado na imagem, produzida e editada segundo a ordem do “macho digital”. Como já mencionado anteriormente, o discurso Red Pill é atravessado pelo discurso de desenvolvimento pessoal e autoconhecimento, algo que se aproxima do que hoje vemos representado nos “coaches”. Thiago, alinhado a isso, é autor de livros do gênero desenvolvimento pessoal, na temática Red Pill, e, como tal, busca passar, por meio de seu discurso imagético, a representação de um homem que, nas significações atribuídas socialmente e ao menos para o público a quem se dirige, será visto como sério, calmo, bem articulado e com credibilidade, mesmo antes de começar a falar.

A racionalidade e a lógica mercadológica do discurso Red Pill também ficam evidentes nas vestimentas e na estética, em geral, do Calvo do Campari. É nítido que a produção de uma imagem de sucesso, confiabilidade e autocontrole está colocada, o que, considerando novamente as significações socialmente atribuídas a determinadas imagens, pode facilmente ser alcançado na imagem de um homem branco, com vestes que aparentem um custo elevado, utilizando acessórios como anéis, correntes e relógio, com cabelo e barba sempre aparados. Assim, aproxima-se sempre a imagem do Calvo do Campari à imagem não somente do “macho” *redpilado*, mas do *homo oeconomicus* que ele representa nesse discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando o dispositivo da *machosfera* como espaço, essencialmente digital e heterogêneo, de (re)produção de discursos, buscou-se, com este trabalho, produzir um breve mapeamento dos entrelaçamentos e distanciamentos discursivos que ocorrem entre as comunidades macho-centradas construídas nesse espaço. A partir disso, selecionou-se uma comunidade de maior interesse, pela relevância no cenário atual brasileiro, qual seja, a comunidade Red Pill, para uma observação mais atenta, voltada à análise de suas formações discursivas e a busca por compreender a relação entre elas e a produção da masculinidade do “macho” contemporâneo.

Ao longo deste trabalho, tendo compreendido que o gênero é performativamente construído, desbanca-se a ideia de que a masculinidade possa ser essencialmente estabelecida e imutável e passa-se a observá-la enquanto construção primordialmente discursiva. Assim, ficou evidenciada a relevância dos discursos macho-centrados na construção das masculinidades contemporâneas, mais especificamente, na construção de uma identidade do “macho”. Esses discursos, nativos digitais, dissipam-se dentre comunidades com divergências discursivas entre si, tais quais as comunidades Red Pill e Incel, mas que circundam grupos de interesse centrados no desprezo do feminino, grupos esses divididos em MRA, MGTOW, PUA, TradCons e Gamer/Geek. Dada atenção especial à comunidade Red Pill e seu respectivo discurso, observa-se a ascensão de figuras de representação dessa identidade do “macho” fora do ambiente digital – fenômeno anteriormente visto, ao menos de maneira similar, com representações da comunidade Incel, como Elliot Rodger –, como ocorre com Thiago Schutz, o Calvo do Campari.

A construção da masculinidade do “macho” se dá, portanto, na manifestação de um discurso que busca a validação de uma moralidade do corpo baseada em preceitos de discursos religiosos, de senso comum, biodeterministas – e, por vezes, eugenistas –, misóginos, neoliberais, e conseqüentemente mercadológicos, entre outras interdiscursividades, reforçando uma hierarquia binária de gênero que coloca o masculino como sinônimo de poder, controle, razão, estabilidade, e o feminino como sinônimo de desequilíbrio, irracionalidade, descontrole emocional e incapacidade de tomada de decisões. Além disso, a lógica mercadológica do discurso Red Pill também atrela ao “macho” um valor, enquanto humano, intrinsecamente ligado a suas conquistas materiais e intelectuais, enquanto

determina para a mulher um valor puramente relacionado à sua capacidade de trabalho de cuidado e reprodução.

Por meio da análise do discurso, com auxílio da compreensão de semiótica, também foi possível observar como ocorre a materialização do discurso Red Pill na imagem do Calvo do Campari, para além de seus comportamentos e das formações discursivas que difunde, demonstrando mais um aspecto importante na construção de uma masculinidade do “macho” redpilado: a corporalidade. Portanto, é possível dizer que o discurso Red Pill merece ser observado não apenas como um fenômeno intrínseco ao digital ou disperso da matéria, mas também como um agente de implicações na construção das identidades de gênero dos sujeitos que se consideram masculinos, produzindo os “machos”, contemporâneos.

Percebeu-se, ainda, dentro do que se levanta como hipótese para esta pesquisa, que ocorre uma tentativa de, por meio do discurso, credibilizar o próprio discurso Red Pill, por meio de estratégias discursivas de produção de verdade, buscando alcançar um não-lugar para esse discurso na ciência. Esse processo demonstra ocorrer com base na articulação de outros discursos, por vezes anteriormente cientificamente validados, que corroborem, mesmo que em partes, com o discurso Red Pill, e na busca por conferir legitimidade aos enunciados apresentados por meio da deslegitimação de outros enunciados, desafiando e até mesmo atacando a produção acadêmica a nível de estudos de gênero.

Por fim, buscou-se com este trabalho contribuir para a área de Análise do Discurso trazendo em pauta um tema de grande relevância no momento atual e sobre o qual há, ainda, muito a ser explorado no contexto brasileiro. Compreende-se, ainda, que as relações entre performatividade de gênero e discurso, aqui também envoltas pelo espectro do discurso digital, da tecnologização dos discursos, transformam-se constantemente e geram, com incrível frequência e velocidade, registros discursivos essenciais para o entendimento de fenômenos discursivos atuais.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. de Maria Ighes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Edição bilingue. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BBC. *Elliot Rodger: How misogynist killer became 'incel hero'*. 25 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-43892189> Acesso em: 31 jul. 2024
- BRAGA, Nathalia Brunet Cartaxo. *A semiótica psicanalítica dos celibatários involuntários*. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.
- BUTECO PODCAST. *Manual Red Pill: Os perigos do relacionamento (com Thiago Schutz)*. Jan/2023. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34&t=537s>. Acesso em 19 jul. 2024
- BUTLER, Judith. *Discurso de ódio - uma política do performativo*. Trad. de Viscardi, Roberta Fabbri. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- BUTLER, Judith. *Desfazendo gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 16. ed., 2018.
- BUTTURI JUNIOR, A. *A polivalência tática como teoria da resistência em Michel Foucault*. In: BRAGA, A.; SÁ, I. de (org). *Microfísica da resistência: lutas antiautoritárias na contemporaneidade*. Campinas: Pontes, 2020.
- BUTTURI JUNIOR, A., CAMOZZATO, N. . M. ., & Silva, B. F. da. (2022). *Uma monstruosidade linguístico-moral: os discursos sobre a linguagem neutra nos projetos de lei do Brasil : the discourses on neutral language in Brazilian bills*. *Calidoscópico*, 20(1), 322–350. <https://doi.org/10.4013/cld.2022.201.16>
- BUTTURI JUNIOR, A., CAMOZZATO, N. . M. *Prolegômenos a uma análise neomaterialista dos discursos*. In: *Cosmopolítica e linguagem [livro eletrônico] / organização Cristine Gorski Severo, Marcelo El Khouri Buzato*. - 1. ed. - Araraquara, SP: Letraria, 2023.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2013000100014>.
- DAVE MECH. *Wolf News and Information*. 2022. Página inicial. Disponível em: <https://davemech.org/wolf-news-and-information/>. Acesso em 31 jul. 2024

DE LAURETIS, T. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, H. B. de. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242, 1994.

ELITE MASCULINA. *Página inicial*. 2024. Disponível em <https://elitemasculina.com.br/>. Acesso em 21 jul. 2024.

THE DAILY BEAST. *The Republican Lawmaker Who Secretly Created Reddit's Women-Hating 'Red Pill'*. Por Bonnie Bacarisse, 25 abr. 2017. Disponível em <https://www.thedailybeast.com/the-republican-lawmaker-who-secretly-created-reddits-women-hating-red-pill?ref=scroll> Acesso em 31 jul. 2024

FAVA, Gihana; PERNISA JR, Carlos. *FILTRO BOLHA: COMO TECNOLOGIAS DIGITAIS PREDITIVAS TRANSFORMAM A COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR*. Revista ECO PÓS | ISSN 2175-8889 | DOSSIÊ MÍDIA, INTELLECTUAIS E POLÍTICA. v. 16, n. 2, 2017.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: Curso dado no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19. ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. *O corpo utópico, as heterotopias I* Michel Foucault; posfácio de Daniel Detert. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo, n-1 Edições, 2013

FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*. Curso dado no Collège de France (1978-1979). Martins Fontes, São Paulo, 2008.

FOUCAULT, M. *Sobre a História da sexualidade*. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.

GARCÍA-MINGO, E. & DÍAZ FERNÁNDEZ, S. (2022). *Jóvenes en la Manosfera. Influencia de la misoginia digital en la percepción que tienen los hombres jóvenes de la violencia sexual*. Madrid: Centro Reina Sofía sobre Adolescencia y Juventud, Fundación Fad Juventud. DOI: 10.5281/zenodo.7221159

GING, D. *Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere*. Sage Journals, Men and Masculinities, v. 22, 2019, p. 638-657.

GLOBOPLAY. *Fantástico: Ministério Público denuncia Thiago Schutz por ameaça e violência psicológica contra duas mulheres*. 19 mar. 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11462112/>. Acesso em 31 jul. 2024

GOTELL, L & DUTTON, E. (2016) *Sexual violence in the 'manosphere': Antifeminist men's rights discourses on rape. International Journal for Crime, Justice and Social Democracy* 5(2): 65-80. DOI: 10.5204/ijcjsd.v5i2.310.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, X. e YIN, C. (2023). *Mapeando a manófera. Categorização de discursos reacionários de masculinidade em ambiente digital*. Estudos Feministas de Mídia, 23 (5), 1923–1940. <https://doi.org/10.1080/14680777.2021.1998185>

HASHIGUTI, Simone. *O corpo como materialidade do/no discurso*. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange. (Orgs.) *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 161-168.

HILLESHEIM, Betina. *O espectro eugenista no discurso biodeterminista contemporâneo*. Psicologia, Ciência e Profissão (Impr.) 38 (3). Jul-Sep 2018.

LIMA, Phelippe Rave Soares de. *SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS NAS REDES DIGITAIS: A SELFIE, O CORPO E A TECNOPERFORMANCE DE SI*. 2022

MATARAZZO, Martina. *TAKE YOUR PILL: SEMIOTICA DELLA MANOSPHERE*. Università degli Studi di Bergamo, 2020/2021.

The Matrix (Matrix), Direção e roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski, produção Joel Silver, Distribuição: Warner Bros. EUA, 1999.

MECH, L. D. 1970. *The Wolf: The Ecology and Behavior of an Endangered Species*. Natural History Press (Doubleday Publishing Co., N.Y.) 389 pp. (Reprinted in paperback by University of Minnesota Press, May 1981).

NICHOLSON, L. *Interpretando o gênero*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 09-41, 2000.

PABÓN CHAVES, Ana Sofia. *Uma análise bastarda das materialidades tecnobiodiscursvas de Carolina Sanín e Djamila Ribeiro/ Ana Sofia Pabón Chaver; orientadora, Luciana Patrícia Zucco, coorientador Atilio Butturi Junior, 2024. 325 p.*

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.

PARISER, Eli. *The Filter Bubble. What the Internet is Hiding from You*. The Penguin Press. New York. 2011

PRECIADO, P. B. *Pornotopia: playboy e a invenção da sexualidade multimídia*. n-1 edições, 2020.

RÁDIO SENADO. *Autores e livros: Especial Autoajuda: Especialistas falam sobre o gênero mais vendido no Brasil*. 03 fev. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/autores-e-livros/2023/02/03/especial-autoajuda-especialistas-falam-sobre-o-genero-mais-vendido-no-brasil>. Acesso em 31 jul. 2024

REDDIT. *TheRedPill*, 2024. *Página inicial*. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/TheRedPill/> Acesso em 31 jul. 2024

REDDIT. Adam-1, R/TheRedPill. *Comments: On The Evolutionary Origins of the Beta*. Jan/2024. Disponível em: https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/18uphb7/on_the_evolutionary_origins_of_the_beta/. Acesso em 31 jul. 2024.

REDDIT. R/TheRedPill. MerryVegetableGarden. *Comments: In Case You Need to be Reminded on Why You Shouldn't Commit to a Promiscuous Woman*. 2020. Disponível em: https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/huak9n/in_case_you_need_to_be_reminded_on_why_you/. Acesso em: 31 jul. 2024

REDDIT. R/TheRedPill. Training_Future. *Comments: Is This Why People are Generally Attracted to Those of Their Own Race?* 2022. Disponível em: https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/v3euv2/is_this_why_people_are_generally_attracted_to/ Acesso em: 31 jul. 2024

REDDIT. R/TheRedPill. *Comments: The Documentary that Made Scandinavians Cut All Funds to its Gender Studies Institute*. 2013. Disponível em https://www.reddit.com/r/TheRedPill/comments/1vuho8/the_documentary_that_made_scandinavians_cut_all/. Acesso em 20 jul. 2024

SILVA, Fabiano Couto Corrêa. *PANÓPTICO DIGITAL E ESTRUTURAS PSICOPOLÍTICAS: Uma análise a partir das reflexões de Byung-Chul Han*. LOGEION: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 106-123, mar./ago. 2023

TIBA, Içami. *Homem Cobra Mulher Polvo: divirta-se com as diferenças e seja muito mais feliz*/ Içami Tiba – São Paulo: Integrare Editora, 2014.

TRP.RED. Whisper, *The Parables of the Shower: This Article Will Infuriate You*. 02 mai. 2021. Disponível em: <https://www.trp.red/p/whisper/1442>. Acesso em 31 jul. 2024

VALDIVIA, Mateo, *Alpha, Beta, Sigma: A Critical Analysis of Sigma Male Ideology*, Major Papers. 283. 2023.

VICE NEWS, *Learn to Decode the Secret Language of the Incel Subculture*. 2018 . Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/7xmaze/learn-to-decode-the-secret-language-of-the-incel-subculture>. Acesso em 31 jul. 2024

YOUTUBE. Eduweb. *“Alpha” Wolf?* 15/fev/2008. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tNtFgdwTsbU>. Acesso em 20 jul. 2024

YOUTUBE. Buteco Podcast. *Manual RedPill: Os perigos do relacionamento (com Thiago Schutz)*. 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dL65twRZA34&t=537s>. Acesso em 21 jul. 2024.

YOUTUBE. CAMINHO ALPHA. *REDPILL E O CONCEITO DE IDADE VS VSM FEMININO* (Thiago Schutz). 25 fev. 2023 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=TkTSKHSwYSo>. Acesso em 20 jul. 2024

ZIMMERMAN, S. (2023). *Misoginia perigosa do mundo digital: o caso da manosfera*. In: Kath, E., Lee, JCH, Warren, A. (eds) *A Condição Global Digital*. Palgrave Macmillan, Singapura. https://doi.org/10.1007/978-981-19-9980-2_5